

O TESOURO DA ILHA DE TRINDADE

- ROMANCE -

ADELPHO POLI MONJARDIM



O TESOURO DA ILHA DE TRINDADE

ROMANCE



PREFEITURA DE
VITÓRIA



ACADEMIA
ESPÍRITO
SANTENSE
DE LETRAS

ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Presidente)

João Gualberto Vasconcellos (1º Vice-Presidente)

Álvaro José Silva (1º Secretário)

Marcos Tavares (1º Tesoureiro)

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA - PREFEITURA DE VITÓRIA

Lorenzo Pazolini (Prefeito Municipal)

Estéfane da Silva Franca Ferreira (Vice-Prefeita)

Luciano Pícoli Gagno (Secretário Municipal de Cultura)

Elizete Terezinha Caser Rocha (Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim)

ADELPHO POLI MONJARDIM

O TESOURO DA ILHA
DE TRINDADE

ROMANCE

SEMC

Vitória (ES)
Prefeitura Municipal de Vitória
Secretaria de Cultura
2022

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2022

CONSELHO EDITORIAL

ADILSON VILAÇA • ÁLVARO JOSÉ SILVA • ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA
ELIZETE TEREZINHA CASER ROCHA • FERNANDO ACHIAMÉ
FRANCISCO AURELIO RIBEIRO • GETÚLIO MARCOS PEREIRA NEVES

ORGANIZAÇÃO: FERNANDO ACHIAMÉ
REVISÃO: FRANCISCO AURELIO RIBEIRO
CAPA E EDITORAÇÃO: DOUGLAS RAMALHO
IMPRESSÃO: GRÁFICA ESPÍRITO SANTO
IMAGENS: ARQUIVOS PESSOAIS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

M744t Monjardim, Adelpho Poli
O tesouro da Ilha de Trindade: romance / Adelpho Poli Monjardim.- 2. ed. –
Vitória, ES : Secretaria Municipal de Cultura, 2022.
108 p. ; 21 cm.-- (Coleção José Costa, 32).

ISBN: 978-65-89456-15-5

Publicação em convênio com a Academia Espírito-Santense de Letras.

1. Literatura brasileira - romance. I. Vitória (ES). Secretaria Municipal de
Cultura. II. Vitória (ES). Academia Espírito-Santense de Letras. III. Título.
IV. Série.

CDD B869.352
CDU 869.0(81) - 31

Distribuição Gratuita. Venda Proibida.
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelpho Poli Monjardim”
bmvitoria@correio1.vitoria.es.gov.br
55 27 3381.6926

Sumário

Apresentação.....	7
Prefácio.....	9
Nota do Organizador	
A ILHA DA TRINDADE E SEUS TESOUROS.....	11
Preâmbulo.....	19
<i>Capítulo I</i>	
RICARDO WILLIAM TAYLOR.....	21
<i>Capítulo II</i>	
UM VELHO AMIGO.....	24
<i>Capítulo III</i>	
EM VIAGEM.....	28
<i>Capítulo IV</i>	
EVA A BORDO.....	32
<i>Capítulo V</i>	
UMA LUZ NAS TREVAS.....	41
Capítulo VI	
LUTA DE MORTE.....	51

Capítulo VII	
UM GRITO NA NOITE.....	65
<i>Capítulo VIII</i>	
A AVALANCHE.....	72
<i>Capítulo IX</i>	
A CRATERA.....	79
<i>Capítulo X</i>	
O TESOURO.....	93
<i>Capítulo XI</i>	
REGRESSO.....	106

Apresentação

A Academia Espírito-santense de Letras (AES), desde 2007, tem firmado convênio com a Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vitória para o seu projeto “Incentivo à Cultura Literária”, no qual busca dar visibilidade a obras de escritores capixabas nas coleções: “José Costa” e “Roberto Almada”, e, em contrapartida, ser publicado um número anual da revista da AEL.

As obras inseridas nessas coleções são produto de um trabalho intelectual e voluntário de acadêmicos, que se preocupam não só com a preservação de obras já esquecidas e esgotadas em sua edição, mas também, com a atualidade de conhecimento da produção literária no Espírito Santo e com oferecer uma boa leitura a um público em geral.

Para essas duas coleções, que possuem uma grande abrangência social, já foram publicados mais de 50 títulos, de 2007 a 2020, e todos eles tiveram uma boa aceitação do público leitor e da crítica especializada.

No convênio deste ano foram aprovadas publicações de dois livros da “Coleção José Costa”, um da “Coleção Roberto Almada”, um dos “Escritos de Vitória” com o título: “Literatura em tempos de Pandemia” e a “Revista da Academia 101 anos”.

Neste ano, o Conselho Editorial escolheu os seguintes livros para as respectivas coleções:

- Coleção José Costa, reedição de *O Espírito Santo e os Espírito-santenses*, obra de Eurípedes Queiroz do Valle, publicada em 1971, digitalizada por André Luiz Neves Jacintho, supervisionada pelo Prof. Dr. Francisco Aurelio Ribeiro.

- Coleção José Costa, reedição de *O tesouro da Ilha de Trindade*, obra de Adelpho Poli Monjardim, digitalizada e apresentada pelo acadêmico Fernando Achiamé.

- Coleção Roberto Almada, ensaio “*Saul de Navarro: vida e obra*” sob a organização e seleção de textos do Professor e Acadêmico Dr. Francisco Aurelio Ribeiro.

Com a leitura dessas obras que focam a nossa terra, com seus homens, sua história e geografia, os leitores capixabas e deste mundo afora poderão despertar-se para conhecer mais ainda um pouco daqueles que contribuíram para a permanência da memória literária do Espírito Santo.

Ester Abreu Vieira de Oliveira

Presidente da AEL

[HTTP://ael.org.br](http://ael.org.br)

Prefácio

A Academia Espírito-santense de Letras exerce há mais de 100 anos um papel singular e de excelência na contribuição com a cultura capixaba, estimulando a publicação e republicação de diversas obras que compõem o nosso arcabouço cultural, mostrando o pensamento existente em determinada época e local, e munindo de informações e criatividade os nossos cidadãos, a fim de que a leitura e a produção literária não se percam.

Em razão desse papel tão fundamental, muito me honra o convite de apresentar essas três obras estruturantes do nosso cenário literário, que serão republicadas com o apoio da Prefeitura de Vitória, relativas às coleções “José Costa” e “Roberto Almada”, nomes icônicos da literatura capixaba.

A primeira delas, pertencente à coleção “José Costa”, é “O Espírito Santo e os Espírito-santenses”, de autoria de Eurípedes Queiroz do Valle, esse multifacetado escritor, que, além disso, era historiador, cronista, jurista, biógrafo, dentre outras funções, e que nos deixou, como um dos seus importantes legados, esta obra que fala do nosso Estado e do seu povo de uma maneira peculiar, com informações geográficas, históricas e culturais, como lhe era habitual.

A segunda delas, também pertencente à coleção “José Costa”, é “O tesouro da Ilha de Trindade”, de autoria de Adelpho Poli Monjardim, escritor também polivalente, com o perdão do trocadilho, que se destacou na política como Deputado Estadual e Prefeito de Vitória por duas vezes, sendo, inclusive, o primeiro Prefeito eleito pelo voto do povo, no fim da década de cinquenta e início de 60, e que nos deixou essa obra fascinante de romance, que fala de um dos locais

mais inóspitos do mundo e que, curiosamente, pertence ao Estado do Espírito Santo, mesmo que muito não saibam por se tratar de uma misteriosa ilha situada a muitas milhas de distância da costa.

A terceira obra, pertencente à coleção “Roberto Almada”, é “Saul de Navarro: vida e obra”, escrita pelo excelente escritor e professor Francisco Aurelio Ribeiro, conta a vida deste que foi um dos precursores da Academia Espírito-Santense de Letras, cadeira nº 4, e que teve intensa produção literária em toda América Latina, a ponto de ser tornar o maior divulgador da literatura latino-americana no Brasil, além de ter sido um importante jornalista no Estado do Rio de Janeiro e servidor público federal (Delegado Fiscal do Tesouro) no Espírito Santo, nas primeiras décadas do século XX.

Com isso, desejo a todos excelentes leituras, certo de que serão marcantemente proveitosas.

Luciano Picoli Gagno

Secretário Municipal de Cultura de Vitória

Nota do Organizador

A ILHA DA TRINDADE E SEUS TESOUROS

A primeira edição do romance *O Tesouro da Ilha da Trindade* foi impressa na Gráfica de A Noite, do Rio de Janeiro, e lançada em 1942. A obra possui uma apresentação escrita em espanhol, assinada por um certo Raúl de Guiñazú e datada de dezembro de 1939. Até onde sei, houve apenas uma outra edição, a segunda, organizada por Eliane D. S. B. de Souza, e publicada em 2008 com apoio da Lei Rubem Braga da Prefeitura Municipal de Vitória. Ambas estão esgotadas. Assim, veio em muito boa hora a indicação do professor Francisco Aurelio Ribeiro, presidente de honra da Academia Espírito-santense de Letras – AEL, de reeditar o romance de Adelpho Monjardim.

Para esta edição, procedi ao escaneamento da obra publicada em 1942 e atualizei a ortografia. Alterei muito pouco a pontuação original e corrigi os evidentes erros de composição tipográfica, mais comuns quando ela era manual. A apresentação em espanhol foi revisada pela mestra nessa língua e atual presidente da AEL, a professora Ester Abreu Vieira de Oliveira. Com tudo isso, tive oportunidade de, afinal, ler a obra de que já ouvira falar há tanto tempo. E sua leitura me surpreendeu positivamente. O romance guarda o ar do tempo em que foi idealizado e escrito – nas expressões empregadas, nos diálogos que refletem os costumes de então, nas descrições das paisagens quando nem

mesmo fotos e filmes estavam tão acessíveis como nos dias atuais, e a Internet não existia. O enredo cativa por não ser linear; ao contrário, apresenta sempre uma surpresa, uma mudança de ação que prende o leitor. As palavras em desuso agora, ou mesmo de emprego restrito na época da composição do romance, nos incentivam para que façamos incursões aos dicionários (agora on-line), que nos permitem conhecer seu significado e nos divertir com essas descobertas. É que muitos termos antigos e sintaxes agora inusuais nos proporcionam novos sabores ao degustarmos os textos em que estão inseridos.

Adelpho Poli Monjardim foi romancista, jornalista, servidor público, político, historiador e geógrafo nascido em Vitória aos 16 de setembro de 1903. Filho do segundo casamento de Alfeu Adelpho Monjardim de Andrade e Almeida, o Barão de Monjardim, e de Beatrice Poli Monjardim. Passou parte da infância no casarão, hoje Museu Solar Monjardim, em Jucutuquara; depois, por uns poucos anos, viveu no Rio de Janeiro, acompanhando seu pai que representava o Espírito Santo em cargo eletivo. Na juventude, residiu na chácara da família no bairro da Capixaba, praticando esportes assiduamente, com destaque para o boxe e o polo aquático em que foi campeão estadual. Participou por muitos anos da vida esportiva do Clube de Regatas Saldanha da Gama, pelo qual nutria grande amor.

De família de políticos influentes desde o Império na vida do Espírito Santo, elegeu-se deputado estadual e, por duas vezes, exerceu o cargo de prefeito de Vitória, entre 1955 e 1957 (indicado pelo governador), e de 1959 a 1963, sendo o primeiro mandatário da capital eleito para o cargo. Gozava de bastante prestígio na sociedade vitoriense e capixaba por seus predicados morais e intelectuais. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo – IHGES e na Academia Espírito-santense de Letras ocupou a cadeira 22. Trabalhou durante muitos anos na Tesouraria da Prefeitura Municipal de Vitória, pela qual se aposentou.

Era um homem sério, educado, afável, amigo dos amigos e de notável erudição advinda de estudos autodidatas. Mas possuía também espírito brincalhão, de que fazem prova os muitos casos e chacotas da juventude contados na obra *O Saldanha do meu Tempo* e as gozações e troças existentes no enredo ficcional de *O Tesouro da Ilha da Trindade*. Depois de aposentado, podia ser visto com frequência na Praça Oito, famoso ponto de encontro em Vitória durante certa época, palestrando com o Sr. Emílio Bumachar e outros companheiros de longa data. Tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, e com ele conversei algumas vezes sobre aspectos da nossa história, inclusive na sede do IHGES. Adelpho Monjardim tinha bastante intimidade com Vitória, cidade que o viu nascer e na qual morou praticamente a vida toda. E os seus habitantes, que até os anos de 1970 se contavam em alguns milhares, também conheciam bem o cidadão ilustre, detentor de várias condecorações e com vasta obra premiada, mas simples no trato e popular. Pode-se mesmo dizer que em torno da figura pública de Adelpho Monjardim havia um folclore benfazejo, devido a circunstâncias da sua vida pessoal. Ele era uma pessoa de hábitos regulares. Comentava-se ser possível acertar o relógio quando passava em horários determinados, com os pés um pouco abertos, andar compassado e segurando o chapéu na altura do peito para atender seus compromissos. Um deles era visitar regularmente sua namorada por décadas, Iolanda Paoliello, com quem finalmente se casou. O enlace na catedral de Vitória foi notícia muito comentada na cidade, pelo fato do noivo contar 88 anos de idade. Ele morava numa casa à rua Barão de Monjardim, na Capixaba, e faleceu em 6 de junho de 2003, aos 99 anos de idade.

Os traços principais da personalidade de Adelpho Monjardim, cuja vida merece estudo biográfico abrangente, podem ser resumidos em três características. Em primeiro lugar, seu extremado amor por Vitória e por tudo que dissesse respeito à formação física, ao folclore e à história da cidade que o viu nascer. Em segundo lugar, o apreço especial pelos assuntos ligados à geografia. E, por último, o seu fascínio pela vida militar, vocação que possuía na mocidade mas

fora frustrada por imposições paternas. Todas essas características da personalidade dele estão presentes, em maior ou menor grau, nas obras que produziu e denotadas já nos seus títulos, destacando-se entre eles: *O Tesouro da Ilha da Trindade*; *Novelas Sombrias*, Prêmio Muniz Freire do Concurso Literário e Científico do Espírito Santo; *Vitória Física – Geografia, História e Geologia*, Prêmio Cidade de Vitória; *A Torre do Silêncio*, contos; *Bolívar e Caxias, paralelo entre duas vidas*, Prêmio General Tasso Fragoso da Biblioteca do Exército; *O Exército Visto por um Civil*, Prêmio do Exército Brasileiro; *O Grande Almirante*, biografia de Tamandaré; *Um Mergulho na Pré-história*; *Sob o véu de Ísis*, contos; *Os imigrantes*, romance; *O Espírito Santo na História, na Lenda e no Folclore*; *O Saldanha do Meu Tempo*, memórias; *O Preço da Glória*, biografias; e, *O Ícaro Brasileiro*, biografia de Santos Dumont.

E os tesouros da famosa ilha? Um deles permanece lá – é ela própria, verdadeira preciosidade natural existente no meio do Atlântico Sul. Apesar de malbaratada em tempos idos com radicais alterações em sua flora e fauna, é mantida na atualidade pela Marinha do Brasil e órgãos federais de preservação ambiental para garantir sua integridade. A formação insular, um bem da União federal, encontra-se na mesma latitude de Vitória e integra seu território; essa circunstância era ressaltada por Adelpho em conversas informais. Outro patrimônio valioso da Ilha da Trindade é sua movimentada história, que inclui a presença de navegadores em diferentes épocas, a ocupação pela Inglaterra durante algum tempo e até o uso como prisão política instituída pelo governo brasileiro.

Outros tesouros vinculados à Ilha da Trindade – os livros de ficção ou ensaísticos que possuem como assunto essa formação geológica excepcional. E entre eles se distingue a presente obra, que circula entre nós há exatos oitenta anos, divertindo e instruindo jovens e adultos que percorrem suas páginas. Com esta edição, que além de

impressa em papel está disponível no formato PDF no site da Academia Espírito-santense de Letras (www.ael.org.br), o romance se valoriza ainda mais por poder atingir em todo mundo grande número de pessoas interessadas em tema tão fascinante.

Longa vida a este tesouro da Ilha da Trindade!

Vitória, verão de 2022.

Fernando Antônio de Moraes Achiamé

Organizador

Membro do IHGES e da AEL

En mis correrías por el mundo, mi espíritu siempre en busca de lo desconocido, vivió horas inolvidables, en contacto con esa gente simple y noble que vive del mar, y con ellos crucé más de un año, los mares de norte de Holanda, las costas agresivas de la Bretaña, cuna de marinos, y el tumultuoso Golfo de Gascuña, de donde partieron las primeras levas de los descubridores.

Hoy, lejos de aquellos días de paz y de tranquilidad, en la lucha por la dura existencia, cae como un rayo de sol, como una “saudade”, un libro, en cuyas páginas, sobrias, vigorosas, llenas de vida, me traen a la memoria, aquellos romances de Curwood, de Jack London o de Conrad, haciendo revivir el recuerdo de tiempos idos, en que mis labios saboreaban la salmuera deliciosa de los vientos marinos.

El romance de aventuras, tan explotado en estos tiempos, escrito para el éxito de librería, no brilla, ni por su originalidad, ni por su literatura, ni tampoco por la veracidad más o menos exacta de sus descripciones, en donde, como en un vademécum de sabiduría barata, de geografía pobre de “voyayeur en chambre” saltan ciudades, regiones, costumbres, en una mezcla de ignorancia crasa, como si el libro escrito, fuese únicamente leído, por “consierges” diletantes de lo maravilloso, en cuyo cerebro, solo se filtrase, el fin.

En “O TESOURO DA ILHA DA TRINDADE”, libro escrito por el romancista capixaba Adelpho Monjardim, se desgrana un tópico de actualidad, con una maestría y conocimiento poco común, en su lectura, se respira el aire de las aventuras marítimas, y Ricardo Willians Taylor, Martinho, el contraamaestre Rodrigues, y Marina, son personajes tan conocidos nuestros, que los seguimos con simpatía de la primera a la última página del romance.

Adelpho Monjardim en “O TESOURO DA ILHA DA TRINDADE”, se revela un psicólogo profundo, sobrio y elegante de estilo, conciso en sus descripciones, conocedor perfecto de la vida de mar, del alma femenina y de las pasiones humanas.

Quien conoce Monjardim, ese gentleman esportivo y elegante, “causeur charment”, aristócrata de raza, no puede admirarse de la finura y delicadeza de sus descripciones.

Martinho, es la silueta más interesante del romance, marino antes que todo, sabe capitular ante la frágil silueta de una mujer, sin perder un ápice de su hombría.

Ricardo Willians Taylor, es el médico varonil y osado, que vive una vida nueva, con las timideces lógicas del aprendiz.

Rodrigues, silueta máscula hecha a martillazos, con asperezas de piedra, y corazón de oro, y esa Marina, segundo pívot del romance, alma bien femenina, que pone su nota de dulzura, en esa tragedia de hombres.

El capítulo más emocionante, es sin duda alguna, el descubrimiento del tesoro, la lucha titánica de Martinho con el Solitario, en donde el Autor revela la maestría de su pluma, su conocimiento esportivo, haciéndonos pasar por el “frisson” de angustia, que suspende nuestras respiraciones, para luego, “con verdadera alegría volver a ver la luz del sol”.

En síntesis, en el romance de aventuras, Monjardim se afirma como uno de los mejores de nuestra época actual, su libro, se lee del principio al fin con vivo interés, y no dudo en colocarlo, como el Curwood o Conrad Espíritu Santense, deseando que la segunda expedición que nos promete, Ricardo Willians Taylor, sea tan interesante y magnífica como la Primera.

Raúl de Guiñazú

Victoria, 1° diciembre de 1939

Preâmbulo

Quando me propus escrever a novela *O Tesouro da Ilha da Trindade*, determinei de forma que a mesma não fosse apenas filha da fantasia, mero trabalho de ficção. Lenda ou realidade, essa história fabulosa viveu momentos de extraordinário esplendor ao apagar das luzes do século XIX, quando inúmeras expedições esquadrinharam os seus montes e vales à cata do fantástico El Dourado.

Em virtude de constantes incursões estrangeiras e do incidente diplomático com a Inglaterra, motivado pela ocupação da ilha por esta potência, felizmente sanado pelos bons ofícios da grande e nobre nação portuguesa, viu-se o Governo brasileiro no imperioso dever de mandar erigir em um dos seus escalvados montes um majestoso marco como sentinela avançada da soberania nacional, mas, mesmo assim viu-se ele, logo após, na contingência de fazer sentir ao de Washington, que se oporia ao projeto do súdito americano, o barão Harden-Hickey, de ali fundar um principado à testa de numeroso bando de aventureiros. Talvez fosse seu oculto intento procurar o fabuloso tesouro, que então monopolizava as atenções do mundo.

A posição geográfica da Trindade; a sua natureza vulcânica; o seu isolamento e abandono fora das rotas de navegação; as suas bravias costas quase inacessíveis, muito contribuíram para o prestígio fascinante da lenda dourada. Nenhum cenário mais apropriado. A Trindade resume-se num imenso rochedo de quilômetros e quilômetros com a bagatela de meia centena de vertiginosos cerros encravados num solo semiárido e quase desnudo. Inclina-se a opinião geral pela existência do tesouro, dada a preferência dos “gentis-homens da sorte” pelas ilhas desertas e distantes do mundo civilizado. Cook, La Pérouse

e outros ilustres navegantes que a visitaram sofreram ao seu contato as mais violentas impressões. Para o inglês o seu aspecto sombrio excede em pavor ao da Ilha da Páscoa e da Terra do Fogo.

Também os brasileiros foram sensíveis à tentadora miragem da Trindade, e distinto oficial de nossa Marinha de Guerra, pretextando o levantamento das suas coordenadas geográficas, para lá zarpou a bordo do cruzador Barroso, levando indicações preciosas sobre o tesouro, indicações que lhe confiara certo farmacêutico de Guaratinguetá. Inútil é dizer que resultaram baldados os esforços do nosso patrício, porém, quer parecer que o tesouro realmente existiu e que pessoas mais avisadas o retiraram muito antes das nossas pesquisas. Não obstante o fracasso da primeira expedição uma nova foi levada a efeito por capitalistas de São Paulo, sem maior sucesso.

Há bem pouco, um grupo de espírito-santenses composto de engenheiros, médicos, advogados e jornalistas, concertou uma viagem à famosa ilha para estudá-la sob seus múltiplos aspectos à luz da ciência, no louvável afã de integrá-la à comunidade nacional por meio de uma linha permanente de navegação com o porto de Vitória. Infelizmente dificuldades que se tornaram insuperáveis forçaram o abandono temporário da nobre e patriótica empresa.

Como de início expus, esta novela não é fruto exclusivo da imaginação. Calcada sobre episódios históricos e mundialmente conhecidos vem reviver a pitoresca e estonteante lenda que fez pulsar milhares de corações aventureiros e tornar conhecido de nós mesmos esse pedaço do Brasil, relegado ao esquecimento pela distância quase invencível que nos separa.

O TESOURO DA ILHA DA TRINDADE

Capítulo I

RICARDO WILLIAM TAYLOR

Chamo-me Ricardo William Taylor, ou Dick, como sou conhecido na intimidade. Meu pai era inglês e minha mãe brasileira. Como autêntico filho da loura Albion, ele adorava as aventuras que o levaram cedo a abandonar a quietude do solar do Devon para conhecer mundo, novas terras e novas gentes. Corria-lhe nas veias o sangue intrépido dos ingleses do norte e talvez as façanhas de seu tio, o grande John Taylor, tivessem influenciado em seu espírito ao escolher o Brasil para sua segunda pátria.

A inclinação dos Taylor pela vida do mar vinha do berço. A relação de marinheiros ilustres que deram à Inglaterra é longa e brilhante. Quando eu nasci, em uma linda casinha que ainda existe no sopé de pitoresca colina, na risonha Vitória, vinha meu pai de dar baixa do serviço ativo da nossa Marinha, após brilhante carreira que culminara com a gloriosa campanha do Paraguai.

Nas noites tempestuosas, quando o sudoeste inclemente e lúgubre gemia pelos desvãos da casa, assoviando pelas frestas das portas e frinchas das janelas, aconchegados ao calor da lareira ouvíamos-lo contar os episódios em que tomara parte nas heroicas jornadas de Riachuelo, Curuzu e Humaitá, e que me enchiam do mais vivo entusiasmo. Quantas vezes ele me surpreendeu pregando ao peito, frente ao espelho, as suas condecorações. Ele era excessivamente modesto e, como bom inglês, falava pouco. Referia-se mui raramente aos seus próprios feitos e assim

mesmo, quando tal acontecia, era com tanta parcimônia que chegava a desconcertar os seus ouvintes. Uma cousa, porém, deixava transparecer uma pontinha de orgulho no seu semblante imperturbável – quando mostrava o uniforme que usara em Riachuelo, se assim se podia chamar a uns restos de farda enodoados de sangue e enegrecidos pela pólvora.

A vida do mar cheia de perigos e seduções fora a minha verdadeira vo-cação. Por todos os meios procurava minha mãe fazer-me esquecer-la e, quan-do entusiasmado pelos livros de aventuras eu exaltava os famosos corsários, ela costumava dizer: – Filho, o século das aventuras passou. Os Morgans e os Drakes pertencem ao passado. Com a máquina a vapor os dilatados oceanos de outrora tornaram-se insignificantes para as atividades humanas. Nada mais existe desconhecido para os homens. As menores ilhas do Pacífico, do Atlântico ou do Índico têm hoje as suas posições exatas nos mapas. Onde, pois, se ocultarem seus façanhudos heróis? Em que região do globo continuaria um novo Morgan assolando os barcos de comércio? As nações modernas possuem poderosas esquadras e não mais tolerariam o corso. O mundo caminha para a paz. Dentro em pouco, não ouviremos mais falar em guerras. Famosos capitães, intrépidos almirantes, darão lugar aos grandes industriais, aos homens de negócios, que são os verdadeiros campeões da humanidade, dignos de admiração e obreiros conscientes do futuro e destino dos povos. O que vale, filho, é o trabalho pacífico nas indústrias, nas ciências e nas letras. Procure ser um industrial, um médico, um agricultor e será vitorioso na vida, sem desilusões e sem dissabores. As aventuras são belas nos romances, porém, impraticáveis na realidade.

Eu sentia o senso, a verdade daquelas palavras que desfaziam uma a uma as minhas quimeras, deixando dentro de mim o vácuo, apenas o vácuo. Porém, mais forte que a razão era a minha fantasia. A menor distração de minha mãe era por mim aproveitada para fugir para junto dos meus amigos e para o convívio dos rudes homens do mar que formavam a grei dos pescadores da velha Capixaba. Como disse, assentava-se a nossa casa na encosta de aprazível colina emoldurada por virente mata, bem próxima do mar. Autêntico *cottage* transplantado do Devonshire, tanto mais poético entre a luxuriante

vegetação dos trópicos. Mangueiras colossais formavam em torno dela um círculo compacto e cerrada aleia de tabuazeiros conduzia ao portão de acesso aos terrenos alagadiços para as bandas do mar e era por dele que eu costumava empreender as minhas fugas para ir escutar as movimentadas histórias dos pescadores do Porto das Pedreiras, nas rodas formadas sobre o dorso das canoas emborcadas na praia. Que de encanto naquelas histórias de assombrações que nos ermos “quitungos” iam tentar os puxadores de rede, quando não era a lenda do Boitatá, a brilhar nas noites borrascosas junto às praias desertas; ou as proezas dos temíveis “tintureiras”. Não me cansava de ouvi-los, e digo – foram aqueles os melhores dias da minha vida.

Meu pai não me contrariava, mas também não me encorajava, temendo desgostar mamãe. E assim atravessei a infância. Creio que Cícero não foi tão persistente nas suas catilinárias quanto minha mãe no propósito de dissuadir-me. Lembro-me de quando Martinho, o meu inseparável amigo, embarcou para o Rio de Janeiro, a fim de ingressar na Marinha, também o seu grande sonho. Fui levá-lo a bordo e com que inveja o vi partir!

Entretanto, rude golpe do destino incumbiu-se de transtornar os projetos que eu arquitetara entre sonhos e ilusões. Vitimado por cruel enfermidade, contraída nos pantanais do Paraguai, faleceu meu pai em junho de 82, e eu, filho único, não quis contrariar os desejos de minha mãe. Graças aos folgados recursos de que dispúnhamos, pude cursar bons colégios no Rio, e formar-me em medicina. Com o correr dos tempos, fui esquecendo o mar, a sua gente e os seus heróis e para sempre abandonei à poeira das estantes os livros que me foram o encanto da juventude. Os estudos, as agitações de um grande centro operaram em mim o milagre que seria impossível na pequenina ilha em que nasci, criada para meditação e sonhos de aventuras.

Após formar-me, voltei para Vitória, em 1892. A nova profissão absorvera-me completamente e dera-me certa notoriedade. Com satisfação, via crescer dia a dia a clientela e nesse ambiente prosaico e puramente material, sem direito a devaneios, vivia há dois anos, quando um acontecimento extraordinário surgiu para desviar o curso monótono de minha existência.

Capítulo II

UM VELHO AMIGO

No último quartel do século XIX, num miserável leito de hospital, em Bombaim, agonizava um marinheiro russo. O fato em si não teria despertado a mais leve atenção, se não estivesse ligado a outros bem mais extraordinários e que por largos anos iriam monopolizar a curiosidade universal despertando da apatia os espíritos aventureiros para novas e arriscadas empresas. Revelaram os lábios trêmulos do moribundo a existência de fabulosos tesouros ocultos por piratas em longínqua ilha do Atlântico, e confessara ter pertencido a um grupo que operava em águas do Pacífico Sul, sob as ordens do cruel Peter, o Negro, que em sortidas pelas costas chilenas, por ocasião das guerras da Independência, aprisionara o veleiro espanhol *San Juan*, quando fugia com o ouro saqueado às igrejas de Lima. Passada a tripulação a fio de espada, conforme as leis do curso, fora o veleiro presa das chamas abandonado ao sabor das correntes. Não encontrando para o seu tesouro abrigo seguro nas incontáveis ilhas que se estendem de Galápagos ao Arquipélago de Magalhães, transpondo o Estreito, o capitão Peter buscou refúgio no Atlântico.

Após dias intermináveis sobre as águas ora calmas ora revoltas em procelas temerosas, abordaram por uma tarde invernosolitária ilha perdida na vastidão do oceano. Nessa ilha, chamada da Trindade, ocultaram a preciosa carga e em busca de novas presas velejaram

para o Mar das Antilhas, onde iria ter fim aquela vida nômade sobre os mares. Aprisionados por navios da Armada espanhola e levados sob ferros para Cuba, foram seus companheiros enforcados, conseguindo ele, somente ele, escapar à dura sorte. Com o capitão Peter, desapareceu o roteiro e lá ficou junto à montanha de terra vermelha, denominada Pão de Açúcar, o ambicionado tesouro.

Após as infrutíferas buscas do bergantim *John*, em 1875, e da *Áurea*, em 1881, a notícia do tesouro correu mundo. Um grupo de ingleses, chefiado pelo explorador F. Knight, permaneceu na ilha cerca de três meses sem resultados positivos, retirando-se, contudo, convicto mais da deficiência dos meios empregados que da não existência do tesouro. As sensacionais revelações do inglês revolucionaram o mundo e os seus projetos de voltar com meios mais seguros de êxito despertaram Martinho da Nova, espírito propenso às aventuras e apreciador dos grandes mistérios pontilhados de perigos. Desde que ouvira falar no El Dourado da Trindade, um só pensamento o empolgava – encontrá-lo, correndo embora os riscos que à abordagem ofereciam as traiçoeiras e escarpadas encostas da ilha, constantemente batidas pela ressaca.

Martinho da Nova, como tive ocasião de dizer, fora meu companheiro de infância. Juntos crescemos e só nos separamos quando ele foi para o Rio de Janeiro ingressar na Marinha. Foi, portanto, com surpresa que, após quinze anos de separação, numa tarde de 97, nos encontramos novamente em Vitória. Viera em gozo de licença e já primeiro-tenente. Dentro do belo uniforme azul-marinho, tinha sua elevada estatura invejável *aplomb* e os seus largos ombros de atleta deixavam perceber a força extraordinária de que era dotado. Os ventos e os sóis dos trópicos tostaram-lhe a tez, emprestando-lhe ao rosto varonil expressão de maior energia e severidade. Era, enfim, no todo sólido e guapo mancebo. O prazer que experimentei ao vê-lo foi enorme. Estreitando-me em seus braços possantes, ele ria como criança satisfeita, crivando-me ao mesmo tempo de perguntas que eu mal podia responder. Fiz questão de hospedá-lo em minha casa e, à noite, à mesa do chá, discorrendo sobre vários assuntos ele teve

oportunidade para contar-me as suas aventuras durante os longos quinze anos que esteve ausente. Em troca, relatei-lhe a minha desinteressante história, que ele ouviu em silêncio, parecendo mesmo não prestar-lhe grande atenção como se o seu pensamento estivesse pairando muito longe dali. Em dado momento, afastando para um lado a chávena de chá, curvou o busto sobre a mesa e sem preâmbulos perguntou-me:

- Diga-me uma cousa, Dick. Já ouvia falar na Ilha da Trindade?
- A que fica nas alturas do nosso litoral?
- Exatamente.
- Já. Por quê?

Ele se conservou por instantes em silêncio como se não tivesse ouvido a minha pergunta.

– Você gostaria de acompanhar-me até lá? – voltou ele a perguntar-me.

– Para quê?! – interpelei-o surpreso.

– Então desconhece a história do seu tesouro?! Você está muito atrasado, meu caro, gracejou ele, tirando um cigarro da carteira de prata aberta sobre a mesa.

– Tenho ouvido falar, mas não costumo dar crédito a lendas.

– Lenda?! – reagiu ele com vivacidade. Então, homens experimentados abalar-se-iam de longínquas terras por histórias sem fundamento?

– Li também a respeito das expedições inglesas e foi o que mais fortaleceu a minha opinião. Sinceramente, podemos acreditar que em tão pequeno território como o da Trindade, possa um tesouro furtar-se às buscas ávidas de homens ambiciosos e inteligentes? Mormente conhecedores do local pelas indicações do marujo?

– Eis o seu erro Dick, e que tem sido o de todos. A meu ver só em parte o marinheiro foi verdadeiro. Não nos devemos esquecer que ele quando revelou o segredo, já se achava nos últimos instantes de vida, portanto, pouco lúcido. Assim, é quase certo ter feito confusão quanto ao local do esconderijo e, partindo desse erro, todas as expedições limitaram as suas buscas ao Pão de Açúcar. Esse morro

não é absolutamente de terra e muito menos vermelha a sua cor. É constituído de sólido granito como assegura o comandante da corveta *Nictheroy*. Depreende-se daí a existência evidente de um erro. A meu ver esse morro é puro e simples ponto de referência.

A observação deixou-me confuso e, antes que lhe pudesse responder, voltou ele:

– A Trindade de fato é pequena, mas não tanto como julgam. Há no mistério das suas montanhas, na profundidade dos seus vales, maliciosos abrigos que escapam aos olhos mais argutos; antros capazes de infundir terror aos mais ousados. Não creio que o tesouro se encontre na base do Pão de Açúcar. Somente uma inspeção local nos poderá responder satisfatoriamente. Da ilha, sei apenas que fica fora da rota comum da navegação e nada mais.

– E como pretende ir até lá?

– Tenho tudo preparado. Aguardo somente a sua adesão. Você será para todos os efeitos o meu secretário particular, disse a rir, dando-me duas palmadinhas no ombro.

A aventura tentava-me, porém, indeciso, não quis de pronto aquiescer. Não sei por que lembrei-me naquele momento dos conselhos de minha mãe e tentei defender-me dos meus próprios desejos, alegando negócios que não poderia abandonar assim de uma hora para a outra.

– Qual negócios, Dick! – exclamou Martinho. Deixe-se de subterfúgios e vamos, porque preciso de homens como você. Os negócios que esperem!

Fiquei indeciso, debatendo-me em formidável luta interior. Percebendo o meu estado de espírito, Martinho voltou à carga com mais vigor. Não encontrando apoio na minha própria vontade, resolvi aderir e, na manhã seguinte, iria pedir ao Carlos, que olhasse meus negócios e também pela minha clínica durante a minha ausência.

Capítulo III

EM VIAGEM

Na manhã de 7 de outubro, dia marcado para a nossa partida, fui encontrar-me com Martinho no Porto das Pedreiras. O velho reduto dos famosos pescadores da Capixaba estava coalhado de pequenas embarcações. Ao largo, esbatido nas brumas da manhã, flutuava o *Albatroz*, o belo e galhardo navio que nos havia de conduzir à ilha miraculosa. Pouco depois de chegarmos a bordo, ele levantou ferros em demanda à barra.

Como segunda pessoa do comandante, com ele eu compartilhava o mesmo camarote, na proa, peça assaz espaçosa com portas sobre cada convés e iluminada profusamente por quatro largas vigias que deixavam ver amplamente o mar em todas as direções. O soalho, muito limpo, revestia-se de leve camada de breu, para evitar os escorregões com o mar picado. Nos tabiques envernizados alinhavam-se mapas de permeio com sugestivas pinturas lembrando cenas marítimas, o que, de certo modo, tornava o ambiente ameno e aprazível. Os beliches, superpostos, alinhavam-se na parede dos fundos, ficando o centro ocupado por uma mesa cheia de aparelhos de náutica.

Depois desse ligeiro exame do meu camarote, dirigi-me à amurada para desfrutar o admirável panorama que se ia desdobrando. Singrávamos precisamente pelas águas tormentosas do estreito formado pelo lendário Penedo, rocha monumental, que se perfila à entrada do porto e o barranco da Ilha de Vitória, que ostenta as ruínas

gloriosas do lendário Forte de São João. Zigue-zagueando caprichosamente por entre ilhotas verdejantes, alcançamos a barra defronte do Farol de Santa Luzia. Uma vez ao largo, fizemos rumo para NE 4. p. L., em busca do nosso destino.

Perdida na vastidão do Atlântico, a Trindade, descoberta em 5 de março de 1501 por João da Nova, navegador português, demora 614 milhas da costa mais próxima do Brasil, que é nas alturas de Vitória. Situada a 20° 31' de latitude S e 13° 7' 57" de longitude L do Observatório do Rio de Janeiro, mede cerca de três milhas de NNO a SSE e perto de seis de perímetro. De origem vulcânica, é excessivamente montanhosa e de difícil abordagem pela fúria com que o mar a assalta e se quebra de encontro às suas escarpadas encostas.

Desenvolvendo 12 milhas horárias, o *Albatroz* portava-se à altura do nome e, se não sobreviessem contratempos, esperávamos chegar ao nosso destino dentro de sessenta e seis horas. O primeiro dia de viagem correu às mil maravilhas com o mar bonançoso e o tempo magnífico. No seguinte, as condições atmosféricas alteraram-se sensivelmente e o mar engrossou de tal forma que o navio foi forçado a reduzir a marcha.

O dia 9 amanhecera bastante nublado com forte cerração de oeste, conservando-se o mar bastante agitado. Vagas portentosas acossavam duramente o *Albatroz*, que arfava cansado da luta desigual. Despertei com o rumor da tormenta. Martinho, na ponte de comando, transmitia ordens breves e enérgicas. A violência das vagas imprimia movimentos bruscos e tão imprevistos ao navio que, ao tentar levantar-me, fui atirado ao chão. Ergui-me a custo e como péssimo marinhaio comecei a sentir a vista turva e tudo girar em torno de mim, mas, mesmo assim, saí à procura de Martinho. Ao ver-me sobre o convés num momento tão perigoso, ele correu para mim e ordenou-me que voltasse para o camarote, pois que se desencadeava violentíssima tempestade sobre a região. Ao ouvir tais palavras de um marinhaio experimentado como o meu amigo, senti indescritível angústia confranger-me o coração e o terror apoderar-se de todo o meu ser. Tímido e fascinado pelo belo horrível, coleí o rosto aos vidros da vigia do camarote e deixei-me ficar. Densa escuridão cercava-nos por todos os

lados deixando-nos vogar em pleno reino de trevas. Confundiam-se céu e mar. O Albatroz, minúsculo e frágil casco no meio das águas revoltas, ora alçava-se às cristas espumantes, ora tombava com fragor nas cavas do oceano. Verdadeiras montanhas rolantes despencavam-se sobre os conveses, varrendo-os de proa a popa. Só a bondade infinita do Senhor, pensava eu, poderá salvar-nos! As ordens emanadas em altos brados pelo comandante eram prontamente executadas pela heroica maruja. O vento soprava de rijo e grossas bâtegas d'água começaram a cair para logo se transformarem em verdadeiro dilúvio, juntando mais uma nota trágica ao concerto dos elementos. Martinho conservava-se sereno frente à procela e, de quando em quando, me animava com um gesto. Cambaleante procurei o leito onde me deixei cair pesadamente, fatigado de tudo aquilo. E o pobre *Albatroz*, qual mitológico monstro enfurecido, continuava a pinotear no meio da borrasca, ora grimpendo às culminâncias das vagas, ora delas saltando para o fundo dos cavados abismos. A consciência viva do perigo entorpece e embota a ação da vontade consciente que se traduz pelo próprio relaxamento físico muscular e, embora sem ser precisamente esse o meu estado, encontrava-me naquela hora bem próximo do meu aniquilamento moral. Fechei os olhos e procurei não ouvir o que ia lá fora, porém, não tardou que um grito rouco me arrancasse da letargia em que me achava mer-gulhado.

– Terra à vista!

O relógio de bordo marcava oito horas da manhã. A tempestade atingira o seu paroxismo, mas o que logo me despertou a atenção foi um ruído surdo e constante que se sobrepunha ao dos próprios elementos e que parecia provir da própria ilha. Sôfrego, lancei de novo um olhar através dos vidros da vigia. Embora viva um século mais, guardarei bem viva na memória a impressão que me causou a primeira vista da Trindade. Alto paredão avermelhado emergia ameaçador pela proa do *Albatroz*, que se aproximava lentamente.

– Temos que amarar por aqui, observou Martinho. Seria imprudência nos aventurarmos por entre os farelhões da costa com semelhante tempo. Conservar-nos-emos ao largo até que amaine a borrasca.

Por volta de meio-dia, amainou a tormenta e o sol brilhou a medo sobre as águas ainda agitadas pelo formidável banzeiro. Martinho executava com infinita lentidão a manobra de acostamento. Duas amarras a boreste deixávamos o “Monumento”, impressionante cilindro granítico a destacar-se da massa da ilha, imponente e soberbo dos seus 900 pés de altitude. Ainda raivoso, o oceano multiplicava-se em ondas furiosas que galgavam espumantes as íngremes penedias qual panteras acuadas e exaustas da luta volviam ao largo para voltarem mais bravas à porfia. Tudo ali me parecia colossal e tétrico. Das anfractuosidades rochosas, como procurando amenizar a dureza ambiente, bandos de alegres aves esvoaçavam estridentes e por vezes tão numerosos que causavam espanto vê-los. Passamos ao largo de uma ilhota chamada da Rocha, que se defronta com um pico altíssimo e singramos através de peque-na enseada. A flora da ilha parecia-me pobre. Apenas raquíticos arbustos e vegetação rasteira, mas não tardei a modificar o primitivo juízo ao divisar, não muito longe da costa, formoso monte revestido de verde e opulenta roupagem. Nessa altura, atingimos a Ponta dos Cinco Farelhões, lugar particularmente arriscado. Entre esta Ponta e a do Paredão, abre-se a Enseada do Príncipe, espaçosa e segura e para a qual demandávamos. Alguns regatos descendo dos altos montes nela se lançam cristalinos, cantantes, suavizando com a sua alegria rumorejante a fereza da paisagem. Fomos fundear cerca de 100 metros da praia onde as areias nitentes colidiam com o sombrio das rochas e o plúmbeo do céu.

De braços cruzados, Martinho contemplava a muralha de pontiagudos picos que nos barrava o horizonte além. Com enorme sacrifício, conseguiu-se baixar um escaler ao mar e dois dos mais hábeis marinheiros foram enviados à ilha com uma peça de sólido cabo previamente amarrada à amura de bombordo para estabelecer entre ela e o *Albatroz* as indispensáveis comunicações através do cabo vaivém pelo qual correria o bote preso à sondareza pelo arganêu de proa. Apesar do enorme risco, os bravos levaram a empresa a bom êxito e conseguiram fixar o cabo na aresta aguda de um rochedo afastado da praia boa dezena de metros.

Capítulo IV

EVA A BORDO

A nossa tripulação compunha-se de vinte e cinco homens, a contar do capitão ao cozinheiro, assim veria quem se desse ao trabalho de consultar o Registro de Bordo, porém, a verdade era mui outra, pois um vigésimo-sexto tripulante havia sem que suspeitássemos, e que só por um feliz acaso me foi dado conhecer.

Deixando Martinho no convés entretido em proceder meticolosas sondagens do fundo arenoso da enseada, dirigi-me indiferente para a proa a fim de distrair os meus olhos com outra cousa que não fosse a extenuante intranquilidade das águas ora subindo ora descendo em coleios suaves até se debruarem em franjas alvíssimas na fímbria da praia fronteira. Ao passar despreocupado por frente do camarote do mestre Rodrigues, eis que se abre a sua porta, surgindo, para surpresa minha, uma figurinha gentil de mulher, que me deixou atônito e intrigado. Aquela presença a bordo e ali no camarote do mestre era para mim uma novidade inexplicável e ainda mais me intrigava o silêncio de Martinho a respeito. Vendo-me, a moça procurou ocultar-se atrás da porta, porém, ligeiro fui ao seu encontro. Notei desde logo o seu embaraço, vacilante, sem saber se devia ficar ou fugir.

- Bom dia, senhorita. – saudei-a atenciosamente.
- Que agradável surpresa...

Com voz delicada e suave, ela correspondeu ao cumprimento com ligeira e graciosa inclinação de cabeça e desapareceu, fechando a porta do camarote antes que eu me aproximasse. Indeciso e desapontado, fiquei diante daquela porta que por instantes enquadrara tão linda criatura, mordendo os dedos de raiva e de despeito. Perplexo fiquei a interrogar-me em vão. Estive quase para bater àquela porta e pedir ao próprio mestre a explicação do mistério. Ponderando, porém, resolvi buscá-la com o próprio Martinho. Passava no momento o taifeiro. Perguntei-lhe pelo capitão. Estava com o contramestre na casa das máquinas, foi a resposta. Por sorte, fui encontrá-lo pouco adiante, sozinho, debruçado na amurada e pelo que me parecia, contemplando o mar. Sem que ele me pressentisse aproximei-me pé ante pé e pespeguei-lhe uma vigorosa palmada nas costas.

– Então, maroto, é assim que se procede com um amigo? – perguntei-lhe fingindo-me severo, enquanto ele se virava de um pulo, assustado.

– Que vem a ser isso? – perguntou-me ele, por sua vez, com a mais santa das ingenuidades estampada no rosto.

– Ora, não se faça de desentendido, seu grande pirata! Você não serve nem para mentir! E como fazia outrora, abotoei-o pelo dólma e sacudi-o com força.

Ele se pôs a rir com ar desajeitado e quis saber por quê.

– Finalmente, Dick, que pretende você dizer com toda esta enenação?

– Que pretendo dizer, hein? Você sabe muito bem! Você não está sendo camarada!

– A que propósito vem isso agora?

– Responda-me primeiro. Por que me escondeu que trazia uma moça a bordo?

– Moça a bordo?! Qual, você deve estar sonhando ou são ainda os efeitos do enjoo.

Só então convenci-me de que ele não gracejava, tal o assombro que se espalhou pelo seu rosto diante da minha revelação. Foi a minha segunda surpresa naquele dia.

– Por Deus, Martinho! Que espécie de capitão é você que nem sabe o que se passa a bordo do seu navio? – verberei-o com sarcasmo, soltando estrondosa gargalhada que chegou a espantar o timoneiro, habituado a ver-me sempre pouco expansivo.

– Você tem razão, Dick. Em que lugar a viu?

– No camarote do mestre Rodrigues.

– Que me diz! Você não se teria enganado?

– Absolutamente! Estou certo, certíssimo! Tão certo como de estar-lhe falando agora. O mestre pode gabar-se de ser um homem de bom gosto. Jamais vi palminho de rosto tão lindo.

– Quê, Dick? Trata-se então de alguma... E de cenho carregado não terminou a frase.

– Oh, Martinho! Você está sendo muito apressado nas suas conclusões! – apressei-me em dizer para desmanchar as suspeitas que o assaltavam. Trata-se de um anjo, creia-me. Um anjo fugido do céu!

– Hum, Dick, como você está ridículo com esses arroubos de colegial apaixonado, exclamou Martinho com irritação e mal disfarçada ironia.

– É paixão e da brava, concluí, procurando desviar-lhe a atenção, prevendo os maus rumos que as cousas tomavam para os lados do mestre, por minha culpa. Você nunca ouviu falar de amor à primeira vista?

– Nem de segunda. Como marinheiro, sou péssimo Romeu. O meu tempo é precioso demais para ser desperdiçado em tertúlias amorosas. Nada lhe posso adiantar sobre a filosofia do amor. Talvez o mestre, aquele velho Lovelace, possa adiantar-lhe algo sobre o delicado assunto – e puxando-me pelo braço, dirigiu-se para o camarote do velho Rodrigues.

Pelo andar firme e apressado, percebia-se que ele estava uma fera. Por certo, o mestre iria passar um mau quarto de hora. De minha parte, eu já estava arrependido do que fizera, pois longe estava de pensar nos dissabores que poderia acarretar ao bom velhote, a quem eu muito estimava, embora andássemos sempre jogando as cristas. Paramos em frente à porta do seu camarote. Martinho, muito ver-

melho, demonstrava por dois sulcos verticais entre as sobrancelhas a cólera que o dominava. Nenhum ruído se ouvia lá dentro. Martinho bateu com rudeza na grossa porta de carvalho, que se abriu incontinenti para deixar surgir a mesma visão celestial que eu vira minutos antes. Achei-a mais linda, agora sem o largo chapéu que lhe escondia os louros cabelos derramados sobre os niveos ombros dignos de uma escultura de Fídias. Diante da candura daquele sorriso, do encanto daqueles olhos verdes, macios como duas carícias, daquela juventude sedutora e pura, Martinho deixou-se quedar perturbado e eu vi a sua cólera esvaír-se como tênue voluta de fumo. Sem demonstrar a mesma perturbação do nosso primeiro encontro, indicando-nos com a mão o interior do camarote, convidou-nos a entrar, encorajando-nos com o mais belo dos seus sorrisos. Diante da indecisão de Martinho, tomei a iniciativa:

– Senhorita, desejamos falar com o mestre Rodrigues.

Martinho limitou-se a confirmar as minhas palavras com um aceno de cabeça, engolindo em seco o seu embaraço.

– Queiram entrar, meus senhores. Papai não tardará.

Os nossos olhares cruzaram-se chamejantes. Tão intensos que não passaram despercebidos à jovem. Insensivelmente desabafei-me num ruidoso suspiro de alívio, o que muito scandalizou Martinho e fez com que a jovem me perguntasse assustada:

– Que sente o senhor?!

Na verdade, o que eu sentia era vergonha. Vergonha da minha estupidéz, porém, não tive outra saída senão pretextar uma indisposição qualquer e pedir um copo com água para salvar a situação e as aparências.

Mal a donzela nos virou as costas, Martinho apanhou uma régua, que sobre a mesa lhe estava ao alcance da mão, e, sem que eu esperasse, deu-me com ela forte pancada na cabeça, vociferando:

– Toma, pedaço d’asno!

Soltei um grito de dor, levando as mãos à parte ofendida. Ouvindo o grito, a jovem virou-se ainda a tempo de ver a atitude agressiva de Martinho. Nunca vi ninguém tão embaraçado como naquele momento o nosso pobre capitão.

– Que foi que aconteceu? – perguntou ela admirada, olhando ora para mim, que conservava as mãos no alto da cabeça, ora para Martinho, que continuava empunhando o troço que restava da régua.

– O senhor...

Antes que eu pudesse alegar alguma cousa em minha defesa, adiantou-se Martinho:

– Oh, não se preocupe com ele, senhorita. Este meu amigo é o homem mais desastrado que conheço. Acaba de quebrar esta régua que estava em cima da mesa.

Meio sufocado de raiva, diante de tanto cinismo, fiquei a olhá-lo sem poder sequer articular um som. Claro que a moça não foi na onda e com delicadeza toda feminina sorriu e disse:

– Não se incomodem por tão pouca cousa.

Como por encanto, a língua de Martinho se deprendera e ele, minutos antes tão perturbado, mostrava-se loquaz só para criar-me embaraços.

– A senhorita está sendo muito bondosa, volveu Martinho. Infelizmente, a nossa desastrada visita veio privá-la de um útil objeto.

– Por favor, esqueçam o sucedido, que não merece o cuidado que querem tomar. Era uma régua velha e sem valor, que estava mesmo precisando de descanso. Já me serviu o que tinha de servir, quando eu era aluna do Regina Coeli. Hoje, para nada mais me servia.

Ao falar, ela me dirigia olhares confortadores, que me ajudavam a levar a cruz ao meu Calvário. Revoltava-me, entretanto, a atitude arrogante que assumira Martinho. Ouvindo as últimas palavras da moça, ele encheu-se de fingida indignação e com tanta veemência verberou o meu procedimento que quase me convenci de que era realmente culpado. E, enfático e pedante, continuou ele na sua arenga:

– A senhorita não pode avaliar quanto lamento agora o desastrado gesto deste insensato, inutilizando um objeto que se me afigura de tanta estimação e apreço...

Passos pesados que se aproximavam puseram felizmente termo àquela irritante verbosidade. Felizmente, digo bem, pois estou certo

de que não poderia suportar por mais tempo o odioso cinismo de Martinho sem gritar-lhe nas bochechas e a plenos pulmões toda a verdade.

– É papai! – gritou a mocinha correndo para a porta.

Um tipo de marinheiro, sólido e atarracado, assomou à entrada. Era o mestre Rodrigues, protótipo do marujo da velha escola. Tostado como um croquete, grossas suíças a John Bull, impressionava pelo vozeirão formidável, acostumado a sobrepor-se às tempestades e que faria inveja a um baixo profundo. Ao ver-nos, demonstrou surpresa e, mesmo, contrariedade, porém, rápido, assumindo a habitual jovialidade, exclamou:

– Olá! Bons olhos o vejamos, capitão! E também ao doutor, acrescentou, olhando-me por cima do ombro de Martinho. Estou de volta do seu camarote, capitão. Fui procurá-lo para um particular.

Martinho, sério e impassível, fitava-o sem dizer palavra. Quando a moça voltava com a água que eu lhe pedira, notei que o mestre ficara desajeitado a olhar para Martinho, porém, antes que eu lhe tomasse o copo, ele soltando estrondosa gargalhada, que fez tremer tudo em roda, afastou-me a mão, dizendo:

– Não se suicide, doutor!

Como eu ficasse a olhá-lo, espantado, arrematou:

– Não se envenene com tão ruim bebida. Minha filha, traga o Porto, que é bebida de marinheiro. Queira desculpar, doutor, se o misturo com gente da nossa espécie, mas há de convir que mais fácil se torna ao senhor ser marinheiro que a nós médicos.

Ri-me da tirada, procurando desviar a atenção de Martinho e do mestre e ver se assim conseguia furar a trovoada que se avizinhasse. Martinho não riu e o mestre ficou meio desconcertado e eu indeciso entre os dois. Mas, assim que a filha do mestre saiu para cumprir as suas ordens, este dirigiu-se com vivacidade a Martinho:

– Não quero que o capitão leve a mal o que se está passando. Quebrei, é certo, o nosso trato, mas forçado pelas circunstâncias. Há pouco, fui procurá-lo para falar a respeito, pois não queria ser pegado em falta, o que deveras me entristece.

O mestre mostrava-se comovido e sincero, contrastando com a fingida austeridade de Martinho, que no fundo estava pronto e disposto a perdoar a falta do velho lobo do mar.

– Havíamos combinado não admitirmos mulheres e estranhos à expedição neste barco, entretanto, um imprevisto colocou-me entre o dilema – quebrar a disciplina ou faltar ao compromisso assumido! Entre as duas alternativas, optei pela primeira. Sou marinheiro há quarenta anos e até hoje ninguém pôde dizer que o mestre Rodrigues fugiu à sua palavra! – exclamou ele, batendo com o punho fechado no peito. Minha filha, essa criança que ali está, concluiu agora os seus estudos no Rio de Janeiro, onde morava com uma tia que acaba de partir para o meu velho Portugal. Sem outros parentes que pudessem olhar por ela, resolvi trazê-la comigo, apesar do temor que lhe inspira o mar. Receava que o capitão me negasse licença para trazê-la e arrisquei-me a incorrer no seu desagrado, mas não se arreceie, capitão – ela, em suma, é também uma Rodrigues e, como tal, sabe também ser fiel! Não é, minha filha? A menina sorriu e corando aceitou afirmativamente com a cabeça.

Martinho continuava a olhar firme para o velho, sem dizer palavra, enquanto que eu não perdia um movimento da mocinha, cada vez mais linda no seu acanhamento. Finalmente, o velho Rodrigues decidiu-se por um gesto teatral. Chegando-se para Martinho, pousou-lhe as mãos sobre os ombros e exclamou com patética entonação:

– Capitão, paciência com este velho marinheiro que faz a sua última viagem. De volta encostarei o meu barco para velar por esta menina que agora mais do que nunca precisará de mim.

O tom emocionado com que falava o mestre tocou fundo o coração de Martinho. Procurando imprimir severidade às palavras que a sua voz traía, o meu amigo censurou-o pelo deslize de disciplina, mas acabou aceitando como boas as desculpas apresentadas.

Com alegre semblante, o mestre puxou a filha pelo braço:

– Venha cá, menina. Quero apresentá-la a estes senhores, os melhores amigos de seu pai. Aqui, o capitão Martinho da Nova, o nosso

comandante. Martinho inclinou-se com elegância e apertou a delicada mãozinha que lhe era apresentada. Este é o Dr. Ricardo Taylor, médico de bordo. Os nossos olhares cruzaram-se furtivos, mas senti naquelas pupilas verdes como a esperança uma promessa carinhosa, bastante para compensar prodigamente a pobreza da apresentação.

Português da velha guarda, mestre Rodrigues afastou com desdém os cálices que estavam na bandeja e encheu três copos de excelente e generoso Porto.

– À nossa saúde! – brindou Martinho, erguendo o copo.

– Às nossas qualidades! – acrescentou o mestre, levando o seu copo ao encontro dos nossos.

– Um brinde à beldade sem nome! – saudei por minha vez, com um gesto largo, dirigindo-me à filha do mestre Rodrigues.

– Marina! Marina! – apressou-se a emendar, o mestre. Que cabeça a minha!

– Entretanto, excelente para escolher lindos nomes.

– Como está hoje galante o nosso doutor, reparou maldosamente Martinho.

– Deixe lá capitão, que eu estou vendo, respondeu o mestre soltando uma das suas risadas francas e estentóricas. Deixe o menino comigo. Com filha de marinheiro não se brinca – e caçoando fez saltar por baixo da manga do dólmã o bíceps avantajado do braço direito.

– Cuidado, Dick, gracejou Martinho. Apesar dos seus sessenta, o mestre é capaz de proporcionar-lhe uma valente tunda.

– Não se incomode, Martinho. Saberei conservar-me à distância.

Todos nós rimos a bom rir, enquanto que encabulada Marina fingia arrumar a louça. Eu estava satisfeito com o rumo que tomava a palestra, quando Martinho a interrompeu extemporaneamente:

– Muito bem, mestre, a conversa está boa, mas temos que nos retirar. Permita-nos, senhorita, e curvou-se reverente diante da jovem.

Olhei-o com um olhar suplicante, que ele não soube ou não quis compreender.

– Temos que tomar certas providências antes de desembarcarmos.

Fulo de raiva, não tive outro remédio senão conformar-me com mais aquela tirania do capitão, jurando, entretanto, vingar-me na primeira oportunidade. Uma vez no tombadilho, Martinho desabafou:

– Uf, que o mestre pregou-me um susto!

– Crê você que ele me tenha ameaçado a sério? – perguntei, perplexo, sentindo o sangue afluir-me ao rosto.

– Ora bolas, Dick. Você há de ser eternamente um trouxa por causa dos rabos de saia. Aliás, tudo isso aconteceu por culpa sua. Digo sinceramente, Dick, se você for em medicina o que é em psicologia, só tenho a lamentar as suas vítimas. É o cúmulo não saber distinguir uma criança ingênua das marafonas da Praia Grande!

– Você, sim, meu pateta, que portou-se como um colegial malcriado para terminar cheio de dedos.

– Quem?! – berrou Martinho começando a enfurecer-se.

– Cabe-me agora dizer-lhe que, se você governa o seu barco como a sua própria pessoa, é obra do acaso estarmos aqui a estas horas.

Rubro como um pimentão, ele cresceu para mim. Ia responder-me em tom violento, quando um marinheiro chegou à sua procura. Enquanto os dois conversavam, eu fui dando o fora sorrateiramente, satisfeito por ter-lhe devolvido a injúria à altura.

Capítulo V

UMA LUZ NAS TREVAS

À tardinha, reinava desusada animação no convés de boreste do Albatroz; é que, pela primeira vez, íamos entrar em contato com a Trindade. Ficara combinado que só eu e Martinho baixaríamos à terra. O mestre Rodrigues dirigia atentamente as manobras para descida do escaler, nada fácil com o mar agitado como estava. Suspensa nos turcos, a pequena embarcação corria o risco constante de espatifar-se de encontro ao costado do navio ao menor descuido, o que dava exaustivo trabalho aos dois remadores que nele se encontravam de “croques” em punho, diligentes em se furtarem às arremetidas das ondas.

De longe, sentada na escada de acesso à ponte de comando, Marina apreciava a manobra. Não sei se foi pretensão minha, quando quis notar em seu semblante um clarão de alegria ao ver-me. Eu trajava como Martinho roupas apropriadas para o mar – largas calças brancas, sem bolsos, muito usadas na marinha britânica e grossa camisa de lã marrom, de gola alta.

Do portaló Martinho acompanhava o desenrolar das manobras e não cessava de observar o estado do mar, que parecia tornar-se mais bravo com o cair da tarde. Ao contemplar a costa fronteiria, talhada a pique, onde os gritos estridentes das gaivotas faziam coro com o estridor da ressaca, Martinho não escondia uma certa apre-

ensão. A bordo, todos procuravam desempenhar da melhor forma as suas funções. Felizmente, eu não via em que aplicar as minhas e assim procurei ocupação de acordo com o meu temperamento. Ali estava a encantadora Marina mais sedutora do que nunca, e, se não fosse muita pretensão, diria estar à minha espera.

– Folgo imensamente em vê-la por aqui, senhorita Marina.

– Verdade, Dr. Dick?

– Apenas Dick, se me faz favor! Suprima esse abominável doutor! Quero ouvir dos seus lábios o “você”. Como deve ser harmonioso! Qualquer coisa assim como o tênue farfalhar da brisa...

Uma risada cristalina vibrou no ar, cortando cerce o fio do meu lirismo piegas e quebrando por instantes a monótona toada dos guinchos e do vento nos cordames dos mastros. Martinho e o mestre voltaram-se para nós visivelmente escandalizados e ela, como se não tivesse notado a presença dos outros, respondeu-me:

– Farei como pede, se lhe agrada.

– Adivinhei que você estava à minha espera, Marina.

– Que grande convencido! Crê então que só existe você a bordo?

– Será então por causa do meu amigo? Gabo-lhe o gosto. É um belo ra-paz, não há dúvida.

– Também não! Você agora está sendo muito precipitado. O capitão é, na verdade, muito simpático, mas não me interessa. Quer saber que vim aqui fazer? Vim respirar, ver o mar que eu não via há dois dias.

Ela frisara de propósito as suas últimas palavras como castigo à minha vaidade. Senti-o, mas não me dei por achado.

– Não pode calcular, Marina, como a sua franqueza me trouxe alívio ao coração. Eu já estava a sentir aquele bichinho que rói, que rói...

– Serão assim todos os homens, Dick? – perguntou-me ela com firmeza.

– Como eu? Certamente que não, Marina. É fazer juízo muito lisonjeiro da espécie. Por exemplo: – ali o meu amigo é ótimo marinheiro, homem às direitas, mas indiferente às mulheres! Um perfeito selvagem!

Nova risada despertou a atenção dos marinheiros e o mestre resmungou qualquer coisa que não chegou aos nossos ouvidos. Martinho limitou-se a dirigir-nos um olhar desconfiado.

– Dick, acho prudente você dar o fora, segredou-me Marina. O capitão está olhando muito para cá. Creio que estão precisando dos seus serviços.

– Que serviço pode haver para um médico em faxina de bordo? Ou você quer mandar-me passear? Vamos, descubra o seu jogo e não faça cerimônias, respondi-lhe gracejando.

– Longe de mim semelhante ideia. Temo por você. O capitão tem cara de poucos amigos e parece-me que vocês dois não se ligam muito bem.

– Como você se engana, menina. Aprenda então que, quando duas pessoas questionam amiudadamente, é porque entre elas existe uma amizade sincera e forte. Só os amigos podem questionar amiudadamente e questionam partindo do princípio que da discussão nasce a luz. Nós somos um exemplo. Amigos de infância nos tornamos inseparáveis, depois de uma valente troca de socos no portão da nossa primeira escola. Só não brigamos, quando estamos separados.

– Que amizade brava a de vocês. Creio que muito especialmente você deve ter uma cabeça muito dura para resisti-la.

– Esta é boa. Por quê? – perguntei sorrindo, meio desconfiado.

– Pensa que eu não vi a reguada que ele lhe deu?

– E você viu?!

– Ora se vi.

– Ah, mas o maroto pagou-me caro. Deixei-o numa situação dos diabos.

– Logo vi que lhe havia feito alguma.

– E se você soubesse quem foi a causa de tudo...

– Quem foi?

– Você.

– Eu?!

– Sim, você.

– E por quê? Conte-me.

– Dick? – chamou-me Martinho, fazendo um gesto largo. Tudo pronto! Despache-se.

– Está bem, Marina. Na volta, contar-lhe-ei. Agora tenho que ir à ilha com o capitão.

– Ir à ilha com semelhante tempo?! Só para malucos. Vou falar com ele.

– Por amor de Deus, não faça semelhante cousa! – exclamei alarmado. Quis detê-la ainda, porém, mais despachada do que eu supunha, foi ao encontro de Martinho. Percebendo talvez o que entre nós se passava, o malvado esperou-a com um sorriso nos lábios e um olhar cheio de ironia para mim, como se estivesse a dizer: compreendendo o seu jogo. E era justamente o que me exasperava. Sem preâmbulos, Marina entrou no assunto:

– Capitão, o senhor não acha conveniente esperar oportunidade mais favorável para desembarcar?

– Esperaria com muito gosto, se nos fosse possível, senhorita. Infelizmente não podemos.

– Não acha arriscado?

– Não para nós, homens do mar. O que não é arriscado para o marinheiro também não o é para o capitão. É a nossa lei!

– Pode ser lei, mas não deixa por isso de ser uma temeridade. E, virando-se para o mestre, exclamou irada: admiro o senhor, um homem velho, ter tão pouco juízo!

O velho marujo ria-se perdidamente e o próprio Martinho não se pôde conter por mais que fizesse para ficar sério. Os marinheiros olhavam-na boquiabertos ante o desassombro das suas atitudes.

– E que entende a minha filha de marinha? – perguntou pavorosamente o mestre com a bonomia que lhe era peculiar. Isto aqui não é navio-escola. Aqui todos já são almirantes.

Nova explosão de risos. Amuada, Marina com as sobrancelhas franzidas, olhava ora para o pai ora para Martinho, sem dizer palavra, como se a indignação a tivesse emudecido.

– Filha,olveu o mestre, marinheiros não discutem ordens, mas para o doutor o caso muda de figura e se ele quiser ficar, aí tem o binóculo, que é como se estivesse em terra.

Vi-me de súbito alvo das chacotas e dos olhares sarcásticos de todos, numa posição incômoda e esquerda. Embora intimamente preferisse a maliciosa sugestão do mestre, apelei para toda minha dignidade e afastando o homem que me tomava a frente descí, correndo, as escadas para junto de Martinho, já preparado para embarcar. Lá debaixo, virando-me para o pai de Marina, gritei-lhe zombeteiramente:

– Fique no meu lugar, velhote, se é que os seus olhos ainda lhe servem para alguma cousa.

Foi o reverso da medalha. As risadas estrugiram mais fortes e até Marina fez coro com os demais.

– Está aí o que o senhor queria, papai. Bem feito. Chamou-o de velho cego.

– Você tem a língua muito solta, meu rapaz, rugiu ele de cima da amurada, mas ouça um conselho, marinheiro de água doce: no fundo do mar, não abra a boca porque a água é salgada. E ele mesmo soltou os foguetes da sua festa com uma formidável risada capaz de assustar os peixinhos nas profundezas do oceano.

O escaler aproximou-se da escada, em cima de remos. O embarque apresentava-se perigosamente difícil para mim. Ora na crista das ondas, ora nas cavidades das águas, o batel parecia um cabrito montês executando saltos fantásticos. Em dado momento, quando ele subia nas cristas de um vagalhão enfurecido, Martinho preparou-se para saltar para dentro dele, recomendando-me que o imitasse. Pensar talvez fosse mais demorado. Num ápice, vi a embarcação crescer sob os meus pés até quase se nivelar com o passadiço. Ligeiros saltamos ambos para dentro dela. No mesmo instante, tive a impressão de estar sendo tragado quando descí vertiginosamente, vindo por todos os lados montanhas líquidas e espumantes avançando ameaçadoras. Incontinenti, aferrados ao cabo de vaivém, nos afastamos das imediações perigosas do navio sob vivas aclamações da tripulação.

Às duas da tarde pusemos pé pela primeira vez em terras da Trindade. Que cenários selvagens! Escuras molhes graníticas, franjadas de arestas pontiagudas e desnudas, erguiam-se para os céus qual braços retorcidos a implorarem clemência para tão grande desolação! Um mundo à parte, dir-se-ia, criado pela imaginação tenebrosa de um cérebro doentio, palco adequado às personagens truculentas da flibusta. Parecia-me ver entre aquelas penhas agressivas arrastarem-se sinistras a sombra dos Zulmiros, dos Morgans, dos Flints, vigilantes às suas riquezas. O solo era o próprio caos e as montanhas produto de espantosos cataclismos.

Estávamos justamente aos pés do famoso Pão de Açúcar. Em frente e do lado oposto da enseada, o Pico Vermelho. Ao vê-lo, disse-me Martinho:

– Dá-me o que pensar aquela montanha e cada vez mais fortaleço a minha opinião sobre a história do marinheiro russo. Como vê, disse tocando com o dedo no dorso do rochedo nu, esta montanha nada tem de vermelho. Estou propenso a crer que, por sua conformação original, de fácil reconhecimento, tenha servido para indicar esta enseada, ou sirva também, por sua situação especial, para indicar qualquer coisa referente ao tesouro.

As reflexões de Martinho pareceram-me justas e em animada palestra demos início à subida da encosta. Não foi tarefa das mais fáceis. O terreno atonetado de rochas calcárias, em amontoados caóticos, tornava a subida um martírio e particularmente arriscada devido aos matacões que se desprendiam com facilidade à mais leve pressão dos nossos pés. Chegamos semimortos de cansaço à parte lisa da pedra que forma o cabeço da montanha, e paramos por não nos ser mais possível ir além. Para leste, avistamos uma vasta planície, que enquadrada por altas montanhas ia terminar à beira-mar. Decidimos fazer uma visita de reconhecimento àquela praia. O sol declinava no horizonte, quando a ela chegamos. Um forte renque de pedras, que a cortava ao meio, prolongava-se em forma de cunha mar adentro tentando, debalde, conter o ímpeto das suas investidas. Destroços vários cobriam-na em larga extensão. O ruído ensurdece-

dor dos macaréus ia-se tornando aos poucos insuportável aos meus ouvidos e, antes que nos surpreendesse a noite, resolvemos tornar à Enseada do Príncipe, pela encosta do Morro das Tartarugas.

A noite descia rápida e fria. Os recortes dentados das montanhas envolviam-se, pouco a pouco, no plúmbeo matiz da penumbra; e o mugido rouco do oceano espalhava pela solidão das quebradas a desolação e o tédio. Já de volta, para as bandas do sul, foi a nossa atenção despertada para um bando de gaiotas que aos gritos levantava voo de um rochedo que se alongava sobre o mar. Não atinamos de pronto com a causa, porém, como continuasse o barulhento bando a esvoaçar sobre o mesmo ponto, apuramos as vistas e foi então que lobriguei um vulto escuro que se movia lentamente sobre a rocha. Quase ao mesmo tempo avistou-o Martinho. Com intervalos regulares o vulto abaixava-se aqui e acolá sempre seguido pelas assustadas aves. Puxando-me pelo braço, Martinho lançou-se em desabalada carreira pela orla da praia, em direção ao rochedo. Trôpego e cansado, alcancei-o já aos pés do mesmo preparando-se para escalá-lo. Com o revólver entre os dentes segui o seu exemplo. Em poucos minutos, nos achamos sobre um largo tabuleiro de granito esburacado e com acentuada inclinação para o mar. Procuramos ansiosos o estranho vulto. Fomos divisá-lo agachado na outra extremidade, tirando qualquer cousa de uma das muitas cavidades da rocha, que se apresentavam aos nossos olhos. Avançando resolutamente ao seu encontro, Martinho bradou-lhe em tom amigável:

– Olá!!

De um salto, o vulto ergueu-se e virou-se para nós. Não o pudemos reconhecer, tão rápida a cena. Com um grito que mais parecia o uivo de um lobo, deu-nos as costas e, correndo para a ponta da rocha, precipitou-se ao mar. Horrorizados, estacamos à beira do precipício, a tempo de vermos fecharem-se as águas sobre o extraordinário mergulhador. Nada mais distinguimos sobre a superfície do mar. Em vão perscrutamos as trevas e esfalfamos os nossos pulmões com altos brados que nem o eco respondia. Trêmulo, abatido, deixei-me ficar como que chumbado às bordas do sinistro rochedo, desolado com a

tragédia que involuntariamente havíamos sido causadores. Só à força Martinho conseguiu arrastar-me dali. Quando voltávamos, pisei qualquer coisa que cedeu sob o peso do meu pé e senti um líquido viscoso penetrar-me pelo sapato. Verifiquei, então, ter enfiado o pé numa rústica cestinha feita com cipós e cheia de ovinhos de gaivota.

– Pobre homem! – exclamei pesaroso, meneando a cabeça. Martinho, cabisbaixo, dirigiu-se para a descida.

Com a gola da camisa bem chegada ao pescoço e o chapéu enterrado na cabeça, busto curvado para a frente, caminhava Martinho a passos largos. Em nossa frente, abria-se negra a garganta que separa o Pico do Vigia, do Pão de Açúcar. Como não esperávamos ser surpreendidos pela noite, não levávamos lanternas e daí termos de marchar às apalpadelas pelo desfiladeiro escuro como breu. Íamos a meio caminho, quando Martinho, puxando-me pelo braço, fez-me parar bruscamente para dizer-me com voz que traía emoção:

– Uma luz, Dick!

– Nada vejo! – respondi, perscrutando com ansiedade a noite.

– Ali à direita! Parece sair detrás de alguma pedra.

Firmei com atenção a vista no lugar indicado e percebi de fato tênue réstea de luz que se escoava como auréola mortiça por detrás de um obstáculo qualquer, provavelmente um daqueles grandes blocos de granito dos quais eram ricas aquelas paragens.

– São com certeza pessoas de bordo que nos procuram, arrisquei.

– Quem sabe? – respondeu Martinho, e unindo as mãos à altura da boca lançou um grito prolongado. A luz sumiu-se como por encanto. Juntos repetimos o chamado e só o eco nos respondeu. Comecei a ficar alarmado com aquela situação inexplicável e ao meu cérebro começaram ocorrer mil confusas ideias. Quem seria? O momento era angustioso. Martinho, sempre resoluto e calmo, ponderou:

– Não é gente de bordo. Talvez algum fenômeno de combustão espontânea de detritos vegetais como o fogo-fátuo, por exemplo, ou mesmo de turfa, tão abundante nesta ilha.

– E inflamar-se-ia espontaneamente, depois dos fortes aguaceiros desses últimos dias? – objetei.

– Você tem razão, Dick. Nem me lembrava. Devemos pensar noutras causas, mormente agora que sabemos existir na ilha alguém mais além de nós.

Urgia, entretanto, saber quem ali estava. Trazíamos as nossas armas, mas não nos sentíamos bastante fortes. Quantos seriam? Um? Dois? Três? Uma dúzia? Ignorávamos. Em tão delicada situação, a prudência era aconselhável. Aquele estreito corredor só nos poderia oferecer perigos. Melhor seria voltarmos às íngremes encostas do Pão de Açúcar. E assim fizemos. Os sacrifícios foram inenarráveis e sem conta. Corremos vários e gravíssimos perigos, mas felizmente chegamos salvos à enseada. Ao largo, brilhavam as luzes do Albatroz. Martinho disparou o revólver para o ar, sinal convencional para aproximar-se o escaler. Ao pisar o convés amigo, senti-me outro homem. A massa negra e brutal da Trindade perdia-se tenebrosa nas dobras misteriosas da noite. O mestre recebeu-nos no portaló com efusão:

– Ia neste momento à sua procura, capitão.

– Agradeço o cuidado, mestre. À escuridão devemos o nosso atraso.

– Novidades? – indagou ele baixinho e ansioso.

– Nada por enquanto. É cedo ainda, respondeu rindo o meu amigo.

Convém esclarecer que da tripulação só o mestre sabia os verdadeiros motivos da expedição. Para os demais, ali estávamos em missão do Governo. Rodrigues era homem de confiança e servira sob as ordens de Martinho, no antigo Arsenal e, mais tarde, no monitor *Paraguassu*. O jantar foi servido em nossa própria cabine e nele tomou parte o mestre. Sentados em derredor da pequena mesa passou Martinho a narrar os sucessos do dia até o momento em que tivemos o estranho encontro no promontório. O mestre, que até então se conservara calado, observou:

– Receio que a mesma razão que aqui nos traz tenha também atraído alguns aventureiros sem escrúpulos.

– Sou contrário, atalhou Martinho. Um grupo de homens ter-se-ia denunciado, dada a curta distância que nos separavam. Se é

um ser humano, deve estar só.

– E como poderia sozinho ter alcançado a ilha? – perguntei incredúlo.

O mestre foi o primeiro a responder:

– A sua observação é justa e sensata. Pensando assim, formulei a hipótese de um grupo. Viram as dificuldades que tivemos de vencer, apesar de possuímos uma excelente tripulação? O mar aqui é sempre violento e destruidor. Uma embarcação menor do que a nossa teria uma probabilidade em mil de alcançar estas alturas, e uma igual não poderia ser manobrada por um só homem.

– Teoricamente não, disse Martinho. É arriscado, mas não impossível. Vou dar-lhes um exemplo histórico. Em 1817, o conde de Amerval aqui naufragou com o bergantim *La Jeune Sophie* e num simples escaler foi com alguns tripulantes buscar socorros no Rio de Janeiro! Para os arrojados não há o impossível.

A história dos naufragos do *La Jeune Sophie* esfriou grandemente o ardor com que defendíamos o nosso ponto de vista. O mestre continuou:

– Sendo como presume, a embarcação utilizada pelo Solitário (assim batizamos o homem da ilha) deve ser assaz pequena e assim deduzo ter ele sobre nós pequena dianteira.

– Por que razão? – perguntou Martinho.

– Muito simples. Uma embarcação pequena não poderia transportar víveres para muito tempo.

– Por este lado devemos admitir que ele já conhecesse a ilha e saber portanto da sua fartura no tocante à alimentação.

Mais uma vez cedemos diante da lógica.

– Amanhã, reconheceremos a garganta misteriosa, prosseguiu Martinho, para que tudo fique devidamente esclarecido. O mestre fez ainda algumas ponderações e demos por terminada a palestra, pois bastante moídos queríamos o descanso de um sono reparador.

Dormi mal a noite, constantemente assaltado por pesadelos horríveis. Martinho não passou melhor e nas frequentes vezes que acordei, vi-o remexer-se, inquieto, no leito.

Capítulo VI

LUTA DE MORTE

Na manhã seguinte, o meu primeiro pensamento foi para Marina, que eu não via desde a tarde anterior. O Solitário, o tesouro, os perigos, desvaneceram-se como um sonho mau à simples invocação de seu nome. Eu queria olvidar, esquecer a tragédia dantesca daquela tarde terrível, que me pesava na consciência como se eu fora de fato um criminoso.

Logo cedo, saí para montar guarda à cabine do mestre. Não demorou muito a minha ronda impaciente. Madrugadores por hábito, não tardaram a surgir pai e filha nem bem os primeiros clarões do louro Febo começaram a tingir de púrpura o nascente. Despertava a terra adormecida para um novo dia, para uma nova vida no milenário embate da luz com as sombras. Que soberbo espetáculo para ser descrito pelo gênio de um Chateaubriand ou de um La-martine! Que de extraordinário naquela apoteose de luz devassando os místicos segredos que sob as últimas dobras da noite pairavam inquietantes sobre os altos e recortados cimos das penedias e mesmo na turbidez sinistra daqueles desfiladeiros. E com ela voltava a alegria à garganta emudecida dos pássaros, na mataria distante.

– Bom dia, doutor. Tão cedo de pé? – cumprimentou-me, amavelmente, o mestre Rodrigues. Confesso que me surpreendi.

– Então, está pensando que só os marinheiros madrugam? Os médicos também às vezes são madrugadores, embora que a pulso, e muitas vezes nem têm o direito de dormir.

– Lá isto é verdade, concordou o mestre com um menear significativo de cabeça. Quando esta menina veio ao mundo, eu fui tirar da cama o doutor alta madrugada, e o pobre gramou firme o dia todo sem pregar olho.

– E você, menina? Costuma levantar-se sempre a estas horas? – perguntei.

– Habituei-me no colégio, respondeu-me ela sorrindo.

– Por onde anda o capitão? – interrompeu-me o mestre, quando eu ia dirigir outra pergunta a Marina.

– Deixei-o no camarote.

– Vou até lá.

– À vontade.

Quando o mestre deu-nos as costas, perguntou-me Marina:

– Não vi quando vocês voltaram ontem. Que fizeram que se demoraram tanto? Conte-me. Estou ansiosa.

– Aconteceu muita coisa, Marina, e ao mesmo tempo nada.

– Como assim? – perguntou-me ela muito espantada a olhar-me indecisa com os seus grandes olhos muito abertos.

– Muita coisa porque encontramos aquilo que não esperávamos, e nada porque, apesar de tudo, aqui estamos sãos e salvos.

– Isto está me cheirando a mistério. Disse-me papai que vocês vinham fazer levantamentos geográficos, as coordenadas da ilha se não me engano, mas vejo que ele não me falou a verdade. Que há em tudo isso, Dick? Diga que eu saberei guardar segredo.

– E é possível a uma mulher?! – retruquei-lhe em tom pilhérico, procurando desviar o rumo da conversa.

– Você não leva nada a sério, Dick.

– Só a você.

– Grande galanteador, que me esconde a verdade.

Notei que ela se ia zangando e, mais que depressa, procurei contornar o obstáculo com habilidade.

– Engana-se redondamente, Marina, se pensa que não lhe estou dizendo a verdade. Nada lhe ocultei. Perguntou-me se nos acontecera alguma cousa e eu respondi que sim e que não. Concordo que a resposta foi ambígua, porém, explicar-me-ei melhor: você, que estudou geografia, ignora ser esta ilha deserta?

– E é mesmo?!

Ri-me sem querer do assombro demonstrado por ela e confirmei:

– Não só é deserta como isolada do resto do mundo. Longe de tudo e de todos. Um lugar onde só por acaso se chega.

– Deus meu! Causa-me até medo!

– Pois bem, avalie agora a nossa surpresa quando ontem fomos encontrar um homem numa das suas praias que ficam do outro lado de lá!

– Um naufrago, talvez?

– Não sei, e para dizer verdade, nem tenho certeza se o que vi era mesmo um homem. Quis assim parecer no curto instante que o pude ver, pois, mal nos presentiu, jogou-se ao mar do alto do penhasco em que se encontrava.

– E morreu?!

– Desconfio. Quem poderia nadar naquele infernal banzeiro?

– E os tubarões aqui são ferozes, diz papai.

– É verdade. Já os vi rondando o navio. Olhe lá! Olhe lá, Marina! Lá vai passando um junto daquele rochedo. Veja o monstro que é!

Horrorizada, Marina acompanhava com os olhos mui abertos o tigre do mar que avançava majestoso, deixando perceber sob as águas a sombra escura e colossal do seu corpo com as possantes barbatanas dorsais rasgando a superfície. Mal o apontara, surgem mais outros, tal qual esquadra em manobras.

– Que horror, Dick! Como ousam afrontar!

– Pois neste mar precipitou-se o desconhecido.

– E você ainda duvida de sua morte?!

– Tenho as minhas razões. Ainda não lhe contei tudo. Depois que voltávamos do rochedo fatídico e que abandonando a praia en-

trávamos por um desfiladeiro escuro, já noite fechada, vimos uma luz incerta brilhar a medo por entre as pedras...

– Uma luz?!

– Sim, uma luz! E julgando tratar-se de alguém de bordo à nossa procura, chamamos com um grito. Foi o bastante para que a luz se sumisse voltando tudo às trevas.

– Quem seria?

– Desconfio que fossem companheiros do homem do rochedo.

– Isto está ficando complicado. Que estarão fazendo esses homens na ilha? Podem ser malfeitores. É bom vocês não voltarem mais sozinhos.

– Nem em pensamento Martinho consentiria que nos acompanhassem! Ficaria furioso.

– Hum, cada vez fico mais desconfiada. Que vieram fazer vocês também? Conte-me a verdade, antes que eu a descubra. Algum segredo?

– Temos os nossos motivos. Você não conhece o capitão. Quando ele quer uma coisa, quer mesmo.

– Tire o cavalo da chuva. A razão é outra, bem sei.

– E quem lhe disse?

– Você mesmo, exclamou ela rindo da minha cara desapontada.

Eu me denunciara sem querer. A minha interrogativa cheia de surpresa valera por uma confissão formal, mas, de maneira alguma, eu esperava encontrar tanta finura e engenho naquela criaturinha apenas saída de um colégio.

– Vamos, Dick, desembuche. Talvez eu possa avivar-lhe a memória. Nunca leu romances de aventuras?

– Foram os meus livros prediletos, respondi um tanto inquieto, percebendo onde ela queria chegar.

– Leu *O Brigue Flibusteiro*? Ou aquela famosa novela de Stevenson: *A Ilha do Tesouro*? Estaremos vivendo uma dessas aventuras?

Fitei-a por instantes, desconfiado:

– Qual, menina. Quem a ajudou a chegar a esta conclusão? Não me queira passar pelo fundo de uma agulha.

– Ninguém!
– Jura que não ouviu nada de seu pai!
– Juro! Ele seria incapaz de trair um segredo!
– Não é isto que eu quero dizer. Ele podia inadvertidamente ter deixado escapar qualquer cousa.

– Tudo que eu lhe disse é verdadeiro. Ontem, por curiosidade, fui procurar na Enciclopédia Portuguesa, dados sobre a Ilha da Trindade, e fiquei conhecendo a sua maravilhosa história, razão pela qual desconfiei de vocês, mormente agora com o aparecimento desses homens.

– Que coincidência. Eu também a consultei antes de vir. Então, você sabe a verdade e não adianta mentir. Fico com a consciência tranquila e, se quiserem, culpem a Enciclopédia. Na verdade, procuramos o tesouro do capitão Peter, o Negro. Disto guarde o máximo segredo para que ninguém da tripulação venha a saber, pois correríamos gravíssimo perigo.

– Serei muda como um túmulo.

– E será para o seu próprio bem.

– Marina! Oh, Marina! Despache-se com um bom cafezinho! – fez-se ouvir, tonitruante, a voz do mestre Rodrigues, que assomava com Martinho à escotilha.

– Nem uma palavra do que eu lhe disse, segredou-me Marina – e correndo entrou na cabine.

Recostado na amurada, esperei que os dois se aproximassem. Vinham alegres e turbulentos, principalmente o mestre. O fraco do velho Rodrigues era a força – se me permitem o paradoxo. Gostava que lhe apreciassem o vigor físico, na verdade, excepcional para um homem de sua idade. Estendeu-me num gesto largo e espalhafatoso a grossa mão calosa, exclamando com jovial franqueza :

– Como passa o Dr. Romeu... oh! Ri... Ricardo, emendou com fingido embaraço.

Martinho, se limitou a sorrir, gozando, intimamente, a mordacidade do mestre. Creio ter enrubescido como qualquer garoto apanhado em falta e sem responder, remoendo o meu despeito, apertei-

-lhe a mão. Como tenazes, seus dedos férreos cingiram os meus num aperto esmagador, porém, disposto a contrariá-lo aguentei firme, afetando indiferença. O arroxo aumentou e com ele o sorriso irônico que eu estoicamente me esforçava por manter nos lábios.

– Hum, capitão, o menino é teimoso, disse ele, piscando o olho para Martinho, que assistia calado.

O mestre fez-se mais vermelho num esforço supremo. Doíam-me os ossos desesperadamente, mas continuei resistindo só para espicaçá-lo. Felizmente, Martinho percebeu o meu esforço e, tocando no ombro do mestre, disse :

– Basta, antes que você parta a mão do nosso doutor.

Prontamente, ele afrouxou a mão com ar de triunfo. Ligeiro, retirei a minha e com ares displicentes de quem não se sentia molestado, falei:

– Oh, por mim não. Resisti perfeitamente. Quer-me parecer que o senhor não está hoje muito forte. Noto mesmo que está um pouco abatido. Está sentindo alguma coisa, meu velho?

O efeito foi imediato. Exasperado, o mestre revidou fulo de raiva:

– Recomeçemos, doutor! Recomeçemos! E estendeu-me novamente aquela mão formidável de dedos tão grossos como barras de cabrestante. Estendi-lhe a minha por troça e, quando ele, ansioso, a ia agarrar, fingi não ter visto o seu gesto e fui pousá-la sobre o seu ombro. Com a mão no ar, e meio desajeitado, o mestre ficou sem saber o que fazer. Em tom conciliativo e estudado, adverti-o:

– Na sua idade, estes esforços são prejudiciais. Deixemos para quando estiver mais disposto.

– Arre! – berrou ele num assomo de cólera. Sou velho mas capaz de dar conta de muitos mocinhos que andam por aí! A sua mão! E nervoso procurava por todos os meios forçar-me a nova prova.

– Acabem com isto, interveio Martinho, vendo o rumo que as cousas tomavam. Você, Dick, não esteja irritando o Rodrigues. Sou-besse, teria deixado que ele lhe partisse os ossos para você não andar com essas prosas.

O mestre tufou o peito orgulhoso e, ajustando o cinto, gesto que lhe era peculiar, olhou-me com desprezo por cima do ombro e soltou um – Ah! – profundo como o mugido de um touro.

– Dick, o mestre quer descer conosco hoje. Que acha? – perguntou-me Martinho, procurando desviar a atenção do velho marujo para outro terreno.

Virando-me para o mestre, perguntei-lhe em tom de quem quer advertir prudentemente:

– E você sabe que a cousa é perigosa?

O mestre cresceu terrível para mim.

– Tome cuidado com a língua, menino! Tenho quarenta anos de mar e desconheço o que é medo! Você o que é um fedelho pretensioso e nada mais!

– Calma, Rodrigues, pediu Martinho, afastando-o. Ricardo é assim mesmo. Quer vê-lo zangado.

– Pois arrepender-se-á ainda!

Eu gozava comigo mesmo o furor do velhote, vingando-me das suas veleidades humorísticas.

– Vocês estão parecendo velhos camaradas, observou Martinho. Essas rugas constantes são um bom sinal.

– Não me parece, atalhou com azedume o pai de Marina.

Não pude conter o riso e expandi-me numa formidável gargalhada. Os dois se entreolharam surpresos.

– Teria enlouquecido? – perguntou o mestre a Martinho, esboçando uma careta.

– Doido está você, velho caduco, respondi, acertando-lhe um direto na barriga. O capitão está com a verdade. Nós somos e sere-mos sempre amigos.

– Homessa, que mudança! Ainda agora tão impertinente.

– É para você, meu velhote, não se arvorar a *blagueur*.

– Não o chame de velho, troçou Martinho. Ele toma por ofensa.

– Deixá-lo chamar, capitão. Eu cá sei o que valho. Então, apesar dos perigos, vamos à ilha não é, meu caro doutor? E sacudiu-me pelo braço com intimidade.

– E eu também, completou uma voz muito nossa conhecida.

O mestre olhou-nos meio desconcertado, enquanto Martinho, de nariz para o ar, ficava sem saber o que dizer.

– Os senhores ouviram?

Constrangido, Martinho balançou, afirmativamente, a cabeça. Para disfarçar, o mestre interrompeu-a com fingida aspereza:

– Avie-se, menina. Sirva logo esse café que não podemos perder tempo.

– Que todo o atraso seja esse, respondeu a jovem, apressando-se a servir-nos. Agora exijo que me respondam. Os senhores se opõem à minha ida?

– Por mim não, respondi.

Martinho fulminou-me com um olhar terrível.

– Eu me oponho, minha filha, falou o mestre com decisão. Não conhecemos ainda o terreno que vamos pisar. Quem sabe o que há na ilha? Talvez bichos perigosos, grandes serpentes...

– E o senhor acha menos perigoso ficar uma moça sozinha entre homens estranhos?

O mestre coçou a cabeça atrapalhado e o próprio Martinho pareceu-me vacilar. Pensei como era natural, que ele fosse dispensar a companhia do mestre, de maneira que foi com espanto que o ouvi dizer:

– É justo o que a menina diz. Querendo levá-la nada, temos a opor.

Sem esperar segunda ordem, o mestre a foi empurrando para dentro do camarote, recomendando:

– Despache-se depressa. Apanhe o seu chapéu e venha logo.

Comparado aos dias anteriores, o mar estava um veludo. Menos alterosas, as ondas corriam com regularidade sem aquelas perigosas cristas espumantes que fizeram o desespero da minha primeira travessia. Não tivemos a menor dificuldade em desembarcar na ilha. Um sol forte e bonito comunicava alegria a tudo e eu mesmo a sentia como nunca, desde que chegara a Trindade, mas não há causa sem efeito...

Íamos prontos e apetrechados para tudo, até o excelente binóculo de bordo se achava entre a nossa bagagem mais importante. Começamos costeando o Pão de Açúcar, rumo ao norte, até à garganta do Pico do Vigia. O vento soprava impetuoso e de frente, dentro do estreito corredor. Empreendíamos a passagem pelo lado oposto à praia. O chão desaparecera sob os fragmentos de rocha depreendidos das montanhas. Cautelosos, esquadrinhando palmo a palmo o terreno que pisávamos, fomos até perto da planície já nossa conhecida, quando julguei reconhecer o lugar em que vira brilhar a misteriosa luz. Colocando Marina entre mim e o mestre, Martinho tomou a dianteira e agachados contornamos as fragas abruptas. Silenciosos, deslizamos como serpentes até à boca da furna. Grosso penedo, mais alto que um homem de boa estatura, barrava a entrada tal qual um para-vento. Dois outros, que se escoravam em forma de V invertido, davam acesso ao interior. Entramos. Os raios solares através das rochas mal unidas forneciam suficiente claridade. O piso cascalhudo pouco podia revelar. Apenas num dos ângulos descobrimos vestígios de pés humanos e gravetos queimados. Cavernas como aquela havia muitas por ali.

– Que raposa ladina, comentou Martinho. Certamente, contava com a nossa visita e pôs-se ao fresco em tempo.

– Não me agradam tais precauções, respondi. São um mau indício.

– Que esperava então que ele fizesse?

– E você acha natural? Que podemos esperar, numa ilha deserta, de um homem que foge ao convívio dos seus semelhantes? Talvez seja um criminoso, um evadido das galés.

– E quem nos pode dizer que ele não pensa outro tanto de nós?

– Neste ponto eu estou com o doutor, interveio o mestre. As atitudes desse homem são-me suspeitas.

Enquanto Martinho e o mestre discutiam, Marina, puxando-me pelo braço, cochichou-me ao ouvido:

– Pode estar certo que ele também procura o tesouro!

Acenando com a mão para que prosseguíssemos, Martinho continuou a marcha. Saindo para a planície, seguimos em linha reta

para o Morro das Tartarugas, e de lá para a Praia do Andrada. Desta à dos Portugueses, estende-se baixa e estreita faixa de terra ladeada por altíssimas montanhas, em cujas imediações abre-se o Porto das Canoas, porto só de nome, pois não passa de um agulheiro de pedras constantemente varrido pela ressaca. A Praia dos Portugueses é de todas a maior e também a mais perigosa pelos numerosos baixios que possui. Nela fizemos um extraordinário achado – o esqueleto de uma baleia de proporções descomunais. Martinho, que estudara a fundo a história e a geografia da ilha, conhecia admiravelmente a nomenclatura de todos os seus acidentes, que nos foram apresentados, um a um, com os fatos mais importantes a eles ligados.

– Aqui começa a Ponta do Valado, disse-nos apontando para um paredão escarpado. E, lá longe, onde ela termina, é a Praia dos Cabritos, a mais setentrional, entre rochas escavadas. Aquela montanha que se ergue acolá, de forma singular, é o Obelisco, uma das mais impressionantes e sobre a qual desejo fazer, com mais vagar, estudos especiais.

Chegamos por fim à Crista do Galo, ponta que domina o extremo norte da ilha, onde de tão selvagem o mar apavora. Do alto do promontório, descortinamos o imponente panorama que ante aos nossos olhos se desdobrava para as bandas do sul em altos montes e praias franjadas de espuma. Com uma exclamação admirativa, Martinho passou-me o binóculo ao mesmo tempo que me indicava qualquer cousa que se divisava imprecisamente sobre os recifes. O binóculo tremeu-me nas mãos. Encravada entre os escolhos, lá estava a carcaça de um grande veleiro, que a fúria do oceano destruíra! Passei o binóculo ao mestre.

– Está explicada a presença do Solitário, falou Martinho.

– É um naufrago, murmurei.

– E não deve estar só, ponderou o mestre. Outros mais estarão salvos e devemos procurá-los.

– Ser-nos-ão úteis, concluí.

– Não acredito que sejam muitos, respondeu Martinho. Tantos fossem ao menos um nos teria procurado.

Discretamente, Marina trocou um olhar comigo. A um sinal de Martinho, descemos todos para procurar entre os recifes algo que nos pudesse fornecer uma pista. A cabo de estafantes buscas fomos encontrar, distante da praia e coberta pela vegetação praieira, parte do mastro grande bastante danificada pelas intempéries e pelo furor das vagas. E nada mais pudemos descobrir do navio perdido. O sinistro ocorrera seguramente há alguns anos. Martinho e o mestre Rodrigues, ambos ao par da vida marítima, não recordavam de nenhum naufrágio nas costas brasileiras nos últimos cinco anos.

No afã de encontrar uma pista que viesse lançar um pouco de luz sobre o impenetrável mistério do Solitário, e mesmo pelo prazer de sondar os arcanos daquelas paragens virgens, fui-me insensivelmente afastando com Marina até perder de vista os companheiros. Dentro em pouco, enleados pelo cenário prodigioso, embriagados pela suave carícia da brisa, fomos sentar sobre altíssimo rebordo de uma escarpa talhada a pique sobre o mar. Lá do alto, quase esquecidos do mundo, ficamos a contemplar um bando de mergulhões entregue à sua interessante pescaria. No mundo, poucos hão de ter tido a ventura de assistir ao que assistimos do alto do penhasco. Acompanhávamos com interesse os movimentos das aves, quando um ruído surdo, que parecia vir do fundo do oceano, subiu até nós. Alarmados e ao mesmo tempo curiosos, apuramos os nossos ouvidos. Pouco distante da rocha em que estávamos, fenderam-se as águas para dar passagem a um corpo colossal. Uma baleia! Esguichando água a grande altura, o gigantesco cetáceo parecia enfurecido. O seu urro, semelhante ao do touro, era, ao mesmo tempo, um urro de dor e de guerra. Até então, eu julgara a baleia tímida e inofensiva. Hoje estou certo que o leão do deserto e o tigre dos juncais não possuem reunidos a fúria e a ferocidade de uma baleia ferida. Ao alcançar a superfície, vinha a rainha dos mares escoltada por numeroso bando de tubarões famintos e de sanguinários espadartes. Rabanadas raivosas varriam a crista das ondas, desfazendo-as em fina poeira d'água. Embora a luta se apresentasse desigual pelo número, equilibrava-se pela força prodigiosa do gigante, que a cada rabanada liquidava um

inimigo. Os golpes se sucediam vigorosos, capazes de abalar as próprias montanhas. Apesar da resistência espantosa que opunha aos seus atacantes, a baleia não poderia prolongar por muito tempo a luta. O sangue jorrava abundante por todos os lados do seu corpo e os ferozes inimigos apertavam o cerco em torno dela, crivando-a de golpes cruéis. De súbito, o colosso lançou-se numa arrancada suprema para fora, para o mar largo, em busca dos seus profundos abismos, seguida de perto pelo sinistro cortejo. Vivamente interessado pela sorte da pobre baleia a vi, já muito longe, mergulhar e desaparecer para sempre. De novo, voltou a calma a reinar sobre a região, apenas os mergulhões haviam desaparecido. Empolgara-nos de tal forma o duelo que nem nos apercebemos do que se estava passando em torno de nós. As minhas atenções voltaram-se novamente para Marina, que receosa aconchegara-se junto ao meu peito. Tomei entre as minhas as suas mimosas mãos e pela primeira vez tive ânimo para fitá-la frente a frente e extasiar-me ante a beleza daqueles olhos serenos como dois lagos azuis. Ia beijar-lhe as mãos, esquecido dos perigos que nos cercavam para só pensar na felicidade daquele momento, quando um ruído seco nos fez erguer a cabeça para o alto do penhasco que nos ficava pelas costas. Não tenho expressões para o pavor que de mim se apoderou e jamais a morte me pareceu tão horrenda e negra! No alto do penhasco, um monstro de formas humanas surgiu em atitude formidável, espetacular, evidenciando nos gestos a sombria resolução do assassínio! Reconheci-o de relance – era o homem do rochedo! A situação apresentava-se extremamente crítica. Lá embaixo, o mar inçado de perigos e em cima o inimigo implacável. A cena foi rápida e dramática.

– É ele! – exclamei, levantando-me de um salto, procurando proteger Marina com o meu corpo. Aterrada, a pobrezinha agarrou-se a mim e ocultou o rosto de encontro ao meu peito. Tomei uma resolução rápida.

Erguendo nos braços hercúleos uma pedra descomunal, o monstro procurava, lá no alto, jeito para esmagar-nos como se fôssemos ratos ou outro qualquer bicho desprezível. O exíguo espaço poucas

esperanças nos dava de fuga e, se não surgisse um auxílio providencial, teríamos de escolher entre o sermos esmagados ou devorados pelos tubarões. A altura sobre o mar era demasiado impressionante, porém, maior ainda o perigo que se ocultava sob as suas águas. Fomos recuando lentamente para a ponta do rebordo, procurando contemporizar o desfecho fatal. Com ferocidade fria e calculada, o inimigo nos seguia, sem deixar um só momento de ameaçar-nos. Aqueles braços terríveis não tremiam e nem demonstravam cansaço. Com desespero vi chegar o fim do nosso espaço vital.

– Você sabe nadar? – perguntei entre dentes a Marina.

– Não, respondeu-me ela com voz sumida e quase imperceptível.

– Teremos que saltar ao mar! Coragem! animei-a, procurando dar à minha voz uma inflexão de segurança e calma que eu estava muito longe de possuir naquele momento. Senti que ela ia desfalecer e precipitei os acontecimentos. Com a mão livre empunhei o revólver, porém, o meu gesto não passou despercebido ao Solitário. Soltando um rugido feroz, o monstro arremessou, lá do alto, o bloco colossal ao mesmo tempo que se agachava ligeiro por detrás dos rochedos. Enviei-lhe uma bala a esmo e sem vacilar precipitei-me no oceano, abraçado a Marina. Durante a rápida trajetória que descrevi no espaço, vivi os momentos mais angustiosos de minha vida. Apenas saltamos, a pesada pedra espatifou-se sobre o rebordo em que estávamos e os seus pedaços foram mergulhar, conosco, no pélagos. A baixa temperatura da água provocou no meu organismo imediata reação, retemperando-me os nervos para a luta. Em razão da altura e da enorme velocidade que levávamos, fomos arrastados bem fundo, isto porque não podia abandonar a minha companheira. Exímio nadador, presto voltei à tona. Entrementes, Marina desmaiara, condição para mim favorável. Temeroso, nadei para terra com todo vigor do meu ser, temendo ver, a qualquer momento, surgirem os temíveis tubarões. Felizmente o providencial aparecimento da baleia os afastara, por algumas horas, da redondeza. Mais aumentou o meu terror, quando me vi entre os cachopos da costa, cobertos de algas, que me davam impressão de tentáculos de polvo.

Dois tiros ecoaram no alto do penhasco. Instintivamente, olhei para cima, julgando-me ainda vítima da perseguição do feroz habitante da ilha. Graças a Deus, as cousas lá por cima estavam mudadas e o perseguidor passara a perseguido. Vi-o furtar-se com agilidade felina à perseguição de Martinho e do mestre Rodrigues, que sobre ele disparavam as suas armas. Consegui, finalmente, tomar pé numa pequena praia apertada entre altas penedias. Martinho e o mestre não tardaram em meu auxílio pela perigosa escarpa.

– Minha filha! Minha filha! Gritava, desvairado, o pobre pai vendo a moça inanimada, em meus braços. Que aconteceu?! Que aconteceu?!

Martinho procurava acalmá-lo para que, em seu desespero, não fosse rolar pelo despenhadeiro.

– Sossegue que nada aconteceu à sua filha, gritei-lhe, já mais descansado. Ela está apenas desmaiada.

– Não a deixe morrer, doutor!

Nisto Marina fez um movimento, dando os primeiros sinais de vida. Abriu os olhos, olhou em redor e tornou a agarrar-se ao meu pescoço como criança medrosa. Ao sair da água, tive que me defrontar pela primeira vez com uma verdadeira legião dos temíveis caranguejos da Trindade, verdadeiros mastodontes da espécie. E o pior que eram ferozes na proporção do tamanho. Entrechocando-se tiravam ruídos secos dos encouraçados cascos e, de pinças alçadas, investiram resolutos, tolhendo-me a saída. Bati em retirada até pôr água pela cintura e gritei para os meus amigos:

– Acudam-me, que assim não posso sair! Vejam a manifestação que me espera – e apontei-lhes a beira da praia.

A entrada decisiva dos dois valentes companheiros botou em fuga os audazes assaltantes, com pesadas baixas. Os menos estragados na refrega foram aquecer-se no vasto caldeirão de bordo, terminando desta forma prosaica a tragédia do dia.

Capítulo VII

UM GRITO NA NOITE

Havia decorrido uma semana que estávamos na ilha, sem melhores resultados para o fim que a ela nos levara. O terrível Solitário parecia ter-se acalmado, pois nos dias subsequentes ao atentado da Rocha dos Mergulhões, não deu sinal de vida. A não ser a descoberta de mais um posto seu, no Pico Desejado, nada mais registramos de interesse. Nesse dia, estou lembrado, voltamos exaustos da jornada. O Pico Desejado ergue-se, majestoso, no platô central da ilha e deve ter sido assim denominado por uma acerba ironia. Nada menos desejável que esse monte de escarpas abruptas onde corremos riscos constantes, flanqueando ravinas profundas de causar vertigens aos mais ousados. Quando regressamos ao navio, Marina que não quisera mais voltar à ilha, estava sentada no tombadilho ouvindo as histórias que um grupo de marinheiros contava. Dentre eles o velho Zé Palavra, que eu também gostava de ouvir nas horas de folga, era o que mais se destacava. Martinho, ensimesmado em longínquos pensamentos, passou sem notar, sequer, o grupo. Parei junto dele justamente na ocasião em que o imaginoso Zé iniciava uma das suas pitorescas aventuras. Nele medrava inculta e anônima, forte cerebração de novelista. Era simplesmente pasmosa a facilidade com que ele engendrava histórias novas e interessantes. Sem dúvida alguma, um grande mentiroso, mas não pensavam assim os seus colegas, que o

ouviam em respeitoso silêncio. Acreditando ou não, Marina as escutava com prazer. Eram quase as mesmas que eu ouvira em criança dos pescadores da Capixaba. A ilha seria habitada por almas penadas de antigos piratas que ali ocultaram grandes tesouros. Era a opinião geral.

– Ontem à noite, depois que se recolhera o capitão, prosseguiu o narrador, eu precisei voltar à terra. A noite não podia ser melhor. O luar parecia um dia. Nem bem saltei na praia, fui entrando por entre as pedras para ver as condições do cabo de amarração e do vaivém, como me recomendara o capitão e que eu por esquecimento não fizera. Ai de mim se ele soubesse que as suas ordens não foram cumpridas! A lua surgia precisamente por cima do cume daquele morro que se avista acolá. Estuguei o passo para chegar mais ligeiro, pois vinte anos de mar ensinaram-me a evitar a noite nas ilhas desertas. Perseguiu-me a lembrança daquele homem que atacou a senhora e o Dr. Dick. Tirei devagarinho a escaladeira da cinta e atravessei-a na boca. O aço é bom para conjurar qualquer mal que venha das almas do outro mundo. Por Nossa Senhora do Convento da Penha, que foi a minha salvação! Topei na minha frente com uma pedra maior do que as outras e que era preciso rodear para seguir o caminho. Quando dela me abeirei, ouvi um ruído que vinha do outro lado como se alguém estivesse a arranhar a pedra com as unhas. Senti um medo tão grande que nem tive mais coragem para dar um passo! Com os olhos esbugalhados fiquei pregado ao chão esperando o que havia de sair dali detrás. Fechei os olhos quando a cousa apareceu! Posso jurar que não era cousa deste mundo! Um bichão escuro e grosso, com dois olhos que deitavam fogo! Quando me viu, soltou um ruído abafado, como o rosnar de um cão danado, e sumiu-se pelo chão adentro!

– E que fez você? – perguntou Marina, curiosa.

– Fugi!

– Você escapou da boa com um verdadeiro demônio, disse-lhe eu, entrando na conversa.

– Não duvido, doutor. Agora que o senhor falou, posso dizer sem receio. Senti mesmo um cheiro de enxofre! Juro pela alma de

minha mãe! – exclamou, tirando da cabeça o gorro sujo e surrado, do qual não se separava nem mesmo para dormir. Eu não teria dito nada, se o senhor não falasse, para que não me julgassem mentiroso, arrematou o velhaco, interpretando à sua moda as minhas palavras. Marina levantou-se e saiu comigo para não rir nas bochechas do Tartarin capixaba, deixando que os outros engolissem mais aquela peta.

– Que me conta você de novo? – perguntou-me ela para disfarçar o acesso de riso que lhe causara o arranjo do incorrigível Zé Palavra.

– Sem novidades, minha flor, respondi com intimidade, oferecendo-lhe galantemente o braço. O Solitário evaporou-se. Sem dúvida, suicidou-se, desgostoso por ter-lhe pregado aquele susto.

– E julga impossível? Pois estou convencida que só por sua causa ele nos mimoseou com aquelas pedras.

– A propósito, Marina. Quando voltará comigo à ilha?

– Agora que está lá o demônio? Nunca!

Rindo às bandeiras despregadas, entramos no salão, onde fomos encontrar o mestre e Martinho, que ficaram deveras escandalizados com a nossa ruidosa alegria.

– Diabo, de que tanto se riem vocês? – indagou o velho Rodrigues.

– Do diabo, respondi. E contei-lhe a história que ouvira do Zé Palavra.

– Esta é famosa! – exclamou o mestre numa explosão de riso.

Num ambiente alegre transcorreu o jantar naquela noite, cousa que já se estava tornando rara. Ao contrário do que habitualmente fazíamos, fomos depois palestrar no convés, sentados em cômodas cadeiras de vime. Lá para as tantas, o cansaço que nos dominava, a mim e ao Martinho, fez sentir o seu jugo tirano. Embora ardendo por um dedo de prosa, o velho Rodrigues teve que se resignar, e nos despedimos. Estava escrito, como dizem os árabes, que não teríamos descanso àquela noite. Nem ânimo tive para despir-me. Arranquei a blusa, joguei os sapatos para um canto e atirei-me, pesadamente, sobre o leito. Foi deitar-me e ferrar logo em profundo sono. A noite calma e enluarada muito concorria para o nosso bem-estar. Lá para alta

madrugada fomos despertados em sobressalto. Ergui meio-corpo no leito e fiquei à escuta. Martinho também ouvira e escutava. Nisto um grito prolongado, como o do coioote, rasgou o pesado silêncio da noite. Passos apressados aproximavam-se do nosso camarote e não tardou que pancadas energéticas sacudissem a porta de entrada.

– Depressa, capitão! Depressa! gritou, de fora, uma voz nervosa. Em dois tempos, estávamos no convés.

– Que aconteceu? – perguntou Martinho ao marinheiro, que ficara a olhar-nos com ar estúpido.

O grito feroz fez-se novamente ouvir, porém, mais distante.

– É ele, capitão! – gaguejou o marujo, apontando para a praia. É o fantasma!

Corremos para a amurada, quase à ré do navio, onde fomos encontrar Marina e o mestre Rodrigues. O luar banhava em cheio a costa próxima, deixando à sombra os socavões abruptos e destacando no horizonte argênteo a cremalheira ciclópica de picos altaneiros.

– Olhem! – gritou-nos o mestre, apontando para um ponto da praia que nos ficava vis-à-vis. Olhamos a tempo de vermos um vulto que se encobria por detrás das pedras que orlavam aquele trecho do litoral. Esperamos que ele tornasse a aparecer. Nesse ínterim, foi-nos a atenção despertada por fortes sacudidelas no cabo de vaivém.

– Vão cortar o cabo! – gritou Martinho. Preparem-se para recolhê-lo imediatamente!

A postos os homens aguardavam o momento. Não sei por que tive um pressentimento e aproximei-me da escada. Ao pisar no portaló, o escaler, que se achava encostado ao navio, começou a deslizar, mansamente, para terra.

– Depressa! – bradou Martinho. Colham a retinida!

Esperei que os homens que enchiam a escada saíssem. Sem que me pudessem deter, desci por ela correndo e, de um salto, consegui enganchar-me na popa do bote, já afastado uns três metros. Um grito de pavor se escapou de todas as bocas.

– Que pretende fazer o maluco?! – interpelou-me, rudemente, Martinho.

Não lhe respondi e continuei a puxar o cabo, ajudando o bote a ir mais ligeiro para a ilha.

--Volte! Volte, por amor de Deus! – suplicou-me Marina.

– Não o deixem partir! – trovejou Martinho. E logo a retinida de popa começou a ser colhida com presteza. Na iminência de ver-me tolhido, cortei-a. O desespero e a confusão foram enormes a bordo e enquanto preparavam outro escaler para descer ao mar, eu fui ganhando distância. Em meio da viagem, senti que a velocidade da embarcação diminuía muito. Sindicando a causa, olhei para o arganéu de proa e vi que a retinida pendia, bamba, para dentro d'água. Ainda não me havia referido da surpresa quando vi o cabo, que estabelecia as comunicações entre o navio e a ilha, cair sobre a minha cabeça. Cortara-o o maldito Solitário! E só quando as ondas começaram a impelir-me com o bote para cima de uns cachopos que afloravam próximos, fui inteirar-me da crítica situação em que me encontrava e compreendi toda a extensão da minha imprudência. O sinistro homem da ilha deixara-me, calculadamente, atingir aquele local. A arrebentação em cima das pedras era terrível e se não conseguisse safar-me com presteza das suas proximidades eram bem frágeis as minhas possibilidades de salvação. Com mar grosso pelos flancos e sem remos, não podia alimentar grandes esperanças. Nunca hei de esquecer-me da luta feroz que sustentei pela vida contra o mar traiçoeiro. O grosso e pesado cabo, de fibra de coco, queimava-me as mãos a cada assalto das ondas e eu não me sentia com forças para resistir por muito tempo a tão rude castigo. Eu me agarrava como um louco e com todas as forças à corda e o bote, como um cabrito montês, pinoteava nas cristas das ondas num jogo infernal capaz de tontear marinheiros de verdade. Recolher o cabo ou dar com ele uma volta na bancada do escaler para sustentá-lo contra o mar era coisa impossível, mesmo porque, subjugado, ele não se sustentaria à superfície num mar daqueles. O recurso era resistir a todo transe até que a salvação chegasse com os meus companheiros. A distância que me separava dos cachopos diminuía sensivelmente, mas, mesmo assim, tive ânimo para pensar nos meus e no maldito a quem devia

o mau momento que passava. O mesmo grito que ouvira minutos antes tornou a dominar a vastidão lúgubre do mar. Olhei, ansioso, para terra e sobre os rochedos vi, nitidamente, a figura do Solitário, banhada pelo pálido luar. Nisto, o estampido de um tiro partiu de bordo. Ligeiro como uma sombra esvaiu-se o vulto e uma risada sarcástica foi a resposta à agressão.

Com as mãos em sangue, eu sustinha o escaler, que cada vez mais se aproximava das pedras. Um grito forte levantou-se pela minha frente:

– Coragem, Dick! Resista mais um pouco.

Era a voz de Martinho. Senti novo alento e reunindo os últimos restos de energia consegui ligeira vantagem sobre a corrente que arrastava-me inexoravelmente para a perdição. Tomei ânimo e coragem para levantar a cabeça e olhar para fora. Gritei de entusiasmo ao ver aproximar-se, em remadas vigorosas, o escaler salvador. Eu já sentia o fundo do meu bote raspar sobre as pedras mais avançadas do baixio. Firmei-me, com desespero e forças redobradas, na grossa corda. Não queria sucumbir às portas da salvação. Uma onda mais forte quase arrancou-me do barco, tal o desespero com que me aferrei ao cabo. Os meus salvadores se aperceberam de pronto da minha crítica situação e outra vez mais ouvi a voz de Martinho:

– Atenção, Dick! Vou jogar um cabo.

O bote estava distante, mais ou menos, uns dez metros e não podia avançar mais sem correr gravíssimo risco. Qual serpente monstruosa, vi o cabo desenrolar-se no espaço e descer em curvas caprichosas sobre a minha cabeça. Só então notei que trazia na extremidade uma laçada.

– Pronto! – gritei, segurando o cabo.

– Enfie-se na laçada e salte ao mar sem demora! – ordenou-me Martinho, ansioso.

Rápido como o pensamento, saltei para o seio das ondas e, em largas braçadas, nadei com todo o vigor ao encontro do bote. Braços possantes recolheram-me da água, extenuado de cansaço e de emoção. Um segundo mais e teria sido o meu fim. Vagalhões colossais

apossaram-se do meu frágil barquinho e arrastaram-no para as alturas. Vi-o por instantes fugazes equilibrar-se vacilante entre o céu e o mar e viravoltar sobre si mesmo e depois destroçar-se com fragor sobre os parcéis, rolando para o abismo insondável envolto no alvo sudário das espumas!

Capítulo VIII

A AVALANCHE

Como de costume, no dia seguinte, fomos logo cedo para terra. O destino que levávamos era o Pico Verde. Bordejando a Enseada do Príncipe, para NO, fomos bater direito no desfiladeiro dos picos – Vermelho e Castelo. Paredes negras e sombrias erguem-se, ali, quase retas, deixando apenas entrever, lá muito alto, estreitíssima faixa de céu sobre espantosos e áridos rebordos onde grandes rochas se equilibram prodigiosamente. O Pico Verde, fronteiro, destacava-se da massa das montanhas barrando o passo para o setentrião. Antes de penetrarmos nas espessas florestas, que suavizam as suas encostas, fomos forçados a galgar um terreno estéril e coberto por grosso cascalho. O sol, causticante, reverberando nas pedras, mais nos fazia sofrer. Já sob as primeiras árvores ouvimos o sussurrar de uma cascata. Sedentos, fomos descobri-la, pouco acima, numa pequena clareira. Projetava-se o jorro cristalino de uma lapa, meio oculta por vistosas sambambaias, para um tanque natural de onde por diversos sangradouros buscava os declives da montanha. Corremos para ela, pressurosos. Como a protegê-la, erguia-se nas suas proximidades frondoso arvoredado de robusto tronco. O mestre, que ia à frente, dele se acercou com vivo interesse, ao mesmo tempo que soltava uma exclamação de júbilo. Talhado na casca branca, lia-se:

“J. R. Martha. 1881”.

Em torno da misteriosa inscrição foram desde logo tecidos os mais descontraídos comentários. O mestre opinava ser aquele o nome de uma mulher de passagem pela ilha a bordo de um navio qualquer, na data ali marcada. Ponderou Martinho, que, em 1881, só a fragata *Nictheroy* estivera na ilha e, portanto, o nome de Martha não se referia a uma pessoa e sim a um navio, e J.R., sem dúvida, às iniciais de algum tripulante. Na minha opinião a inscrição pertencia ao Solitário, e Martinho pensava da mesma forma.

Exploramos, sem proveito, as matas do Pico Verde, nas quais depositávamos fundadas esperanças, pois sabíamos nelas existirem cavernas prestantes para seguros esconderijos. Na verdade, encontramos diversas e uma delas bem escabrosa, de lama fervente, da qual tivemos de fugir, às pressas, para não sermos sufocados pelos miasmas. Desencantados descemos o morro e tornamos ao desfiladeiro. Íamos distraídos em animada conversação sobre a descoberta da inscrição e a inexplicável presença do Solitário, quando formidável explosão, na cumeada do Pico Vermelho, elevou nos ares densa nuvem de fumo. Atônitos, sem atinarmos com a causa do estranho fenômeno, vimos despenhar-se sobre nós esmagadora avalanche de pedras. Movidos mais pelo instinto de conservação que mesmo pelo raciocínio, lançamo-nos, em desabalada carreira, desfiladeiro afora; enquanto pelas nossas costas se abatia com fragor a sinistra carga. Um minuto de vacilação e estaríamos sepultados sob algumas toneladas de pedras. Conjurado o perigo, estacamos arquejantes da carreira e do susto. A palidez cadavérica que se estampava no rosto dos meus companheiros deixava-me avaliar a minha própria.

– Isto não foi obra do acaso, falou o mestre, bastante excitado.

– Obra do acaso é estarmos vivos, respondeu Martinho, olhando, ainda desconfiado, para o alto do Pico Vermelho.

Esforzando-me para dar firmeza à voz, acrescentei:

– O acaso não entra nas cogitações do Solitário.

– E você atribui a ele a causa do acidente? – perguntou-me Martinho.

– Sem dúvida, interveio o mestre. E espero poder ainda encontrá-lo peito a peito para retribuir-lhe à minha moda.

Apesar da gravidade do momento, não pude deixar de sorrir ante aquela indignação que tinha algo de cômica.

– É a segunda vez que ele me tenta eliminar a pedras, observei. Creio que não dispõe de outras armas ou meios.

– Só dispõe de pólvora! – chasqueou o mestre com desprezo.

– E tem tudo, respondeu Martinho, deixando o mestre muito desapontado. Com pólvora e pedras, neste lugar, seremos esmagados como vermes, se não tomarmos cuidado. Devemos evitar de futuro as passagens como esta, se quisermos ficar ao abrigo de novos ataques desse louco.

Vigilantes prosseguimos a jornada, atentos aos menores ruídos. Ao atravessarmos a Fonte do Barril, devido à forte molhe de pedras que nos tolhia a passagem, fomos forçados a deixar as margens da Enseada, que beirávamos por medida de segurança. A encosta do Vigia erguia-se à esquerda, escabrosa e pouco tranquilizadora, mas não havia outro caminho para contornarmos o obstáculo. Pouco faltava para ganharmos novamente a praia e segunda muralha de rochedos nos surge pela frente, extensa e compacta, oferecendo passagem apenas por estreita brecha entre dois penedos. O mestre, nesse momento, marchava à testa do grupo. Afoito e sem querer dar ouvidos aos avisos de Martinho, adiantou-se ele para a passagem. Ao abeirar-se da mesma, enorme rosto cor de cidra assomou dentre as penhas. Recuamos instintivamente. O Solitário, pois era ele, de revólver em punho e sem dar tempo a que esboçássemos qualquer gesto de defesa, alvejou o mestre, soltando uma praga qualquer, em língua para nós desconhecida. O imprevisito da agressão nos deixou a todos estarecidos. Passado o primeiro momento de surpresa, corri em socorro do ferido, enquanto Martinho, descarregando o seu revólver sobre o agressor, saltava sobre o parapeito de pedra com agilidade. Vi por instantes o vulto atarracado e fortíssimo do Solitário a saltar de pedra em pedra com pasmosa agilidade e, de súbito, sumir-se como se a terra o tivesse tragado. Gritei a Martinho para que não continuasse a perseguição, receoso de que fosse ele cair em algum ardid daquele ser diabólico.

Felizmente, o ferimento do velho Rodrigues fora de pouca importância. A bala ferira-o de raspão no ombro esquerdo.

Procuramos esconder de Marina o ocorrido, dizendo que o mestre Rodrigues fora vítima de uma queda ao tentar escalar uma pedra na ilha, mas havíamos esquecido que a formidável explosão fora também ouvida a bordo.

A pedido de Marina nos reunimos na cabine do mestre, numa espécie de conselho. Muito pálida, a jovem mostrava-se agitada. Com o braço metido na tipoia, de quando em quando, o mestre arriscava um olhar inquieto para a filha.

– Capitão, falou a moça – estamos diante de um grave perigo e devemos ser francos para que cada um possa assumir com desassombro o seu papel, entretanto, os senhores estão-me escondendo a verdade.

– Mas o que aconteceu a seu pai foi uma queda sem importância, adiantei-me para acalmá-la.

– Bem sei, Dick, que você está mentindo para não me assustar, mas pode falar com sinceridade que eu não tenho medo. Responda-me, então. Uma queda faria este furo tão perfeito, tão regular? – e apontou com o dedo o pequeno orifício da bala na camisa e que o mestre desajeitadamente procurava esconder. Mas não é a este respeito que eu quero falar com os senhores, concluiu ela com decisão.

Martinho fitava-a muito sisudo, procurando adivinhar até onde ela desejava chegar.

Olhando-nos firme e de frente, ela prosseguiu:

– Refiro-me ao que os senhores vieram fazer aqui.

Martinho e o mestre entreolharam-se desconfiados e juntos encararam-me com firmeza. Fiquei, confesso, em situação embaraçosa.

– Não procurem adivinhar quem me revelou o segredo. Estejam sossegados que foi por todos avaramente guardado.

– Afinal, senhorita, que pensa termos vindo aqui fazer? perguntou Martinho.

– Procurar o tesouro dos piratas, respondeu-lhe Marina, com calma desconcertante.

Tivesse surgido naquele momento o Solitário, não teria causado maior estupefacção. Martinho e o mestre olhavam-me severamente.

– Suponhamos que assim seja, voltou Martinho, mas de que forma veio a saber?

A leve ironia que as palavras do meu amigo encerravam era manifesta. Desgraçadamente é verdade, um homem apaixonado perde a confiança de todos.

– Como?! Só um cego mental deixaria de perceber. Por que preferem ser atacados, quando podiam evitar essas agressões com o auxílio de alguns marinheiros? Por uma razão que é esta: não querem revelar o que em verdade estão fazendo!

– Nada ocultamos, senhorita. Não são eles os primeiros a contam a história desses tesouros?

– Mas contam como lenda, que os senhores se encarregam de desmentir. E com que intuito?

– E a senhorita crê em semelhantes patotas?

– O que eu creio é que se os senhores viessem fazer levantamentos geográficos, como dizem, já teriam tomado providências mais energéticas para pôr cobro aos ataques desse homem que anda por aí, impunemente, pondo em risco a nossa existência.

– E não temos tomado medidas enérgicas? A senhorita está sendo injusta. O que ele tem é tido muita sorte.

– Contudo, é verdade o que digo e reclamo a minha parte nos riscos e nos trabalhos. Sou mulher, mas não tenho medo. Poderei prestar ótimos serviços como observadora. Olhos como os meus e ouvidos mais apurados...

– Mas não há nada do que pensa a senhorita Marina.

– Oh, capitão! O senhor é bastante teimoso! – exclamou Marina, num repente de mau-humor. Pois vai agora mesmo dar-me razão. Encaminhando-se para a estante que ficava por trás da cadeira em que estava sentado o mestre, escolheu um livro e voltou. Era a famosa Enciclopédia. Folheou-o apressadamente e, no ponto desejado, apresentou-o ao capitão. Leia! – ordenou com ar triunfante. Era a famosa descrição, conforme conhecem os leitores.

Martinho fitou-a admirado, com um sorriso nos lábios. Por fim estendeu-lhe a mão:

– Bravos, menina. Venceu. Agora sou eu quem pede para você fazer parte do nosso grupo. Você tem inteligência e argúcia por todos nós.

O mestre sorria de satisfação e orgulho.

– Ah, capitão, o culpado fui eu. Nem me passou pela ideia que este diabinho fosse lá examinar os meus livros. Devia tê-los guardado. E eu que estava desconfiado do nosso doutor.

– Também eu, acrescentou Martinho.

Alegre e brejeira, Marina chegou-se para perto do pai e confessou:

– Bem que eu tentei arrancar a confissão do doutor, mas neste assunto ele não foi nada gentil.

– A disciplina não conhece gentilezas! – exclamei com fingida formalidade e, como Marina se mostrasse duvidosa, a olhar-me admirada, completei: – Duvida? Pergunte ao seu ilustre e bravo pai.

– É verdade, minha filha. A disciplina acima de tudo! Aqui sou um exemplo, terminou orgulhoso, batendo no peito.

– A propósito, mestre, como vai passando o seu ombro? – perguntei.

– Ainda me dói um pouco.

– Lamento que o seu almejado encontro com o Solitário lhe tenha sido desfavorável.

– Ah, o miserável não perde por esperar! Hei de estrangulá-lo com estas mãos! – e mostrou-me as mãos crispadas num gesto assassino.

Mais tarde, voltamos para o convés, onde nos sentamos em alegre roda. A noite baixava silente sobre a ilha misteriosa e os seus contornos se apagavam pouco a pouco até tornar-se um negro borrão no meio do oceano. A conversa, como era natural, versou sobre o tesouro. Éramos de opinião que ele só podia estar localizado na parte sul da ilha e também que entre ele e o Solitário devia existir estreita correlação, que se acentuava à proporção que íamos analisando os fatos.

– Um naufrago ocasional não teria deixado escapar as oportunidades que se têm oferecido...

– Seria o primeiro a procurar-nos, disse eu, interrompendo a Martinho.

– Você tem razão, Dick, e se ele alimenta contra nós maus propósitos é porque tem as suas razões.

– Pensa que ele também procura o tesouro? – perguntou o mestre.

– Não somente penso, julgo até provável que o tenha encontrado. Esta é a razão que ele tem para evitar-nos.

– E por que, então, permanece ainda na ilha? – perguntei.

– Creia que não é por seu gosto. Só o medo de aparecer a estranhos com o seu tesouro o retém.

– Receio de quê?

– De ser roubado e talvez morto.

– Mas seremos incapazes!

– É o que ele não sabe, e toma precauções.

– Nós sim, devemos temer um demônio como ele! – investiu o mestre. E recomeçaria a sua catilinária, se Martinho não atalhasse:

– Ele certamente estará envidando meios de abandonar a ilha.

Não me surpreenderia se o encontrasse construindo a sua embarcação aí por qualquer recanto.

– É melhor que ele vá construindo o seu caixão, porque quando eu o encontrar...

Gostosas gargalhadas acolheram as últimas palavras do mestre, que, fulo de raiva, por não levarmos a sério as suas quixotadas, entrou para o seu camarote batendo a porta com estrondo.

Capítulo IX

A CRATERA

A madrugada de 10 de novembro foi surpreender-nos debruçados sobre um grande mapa da ilha. Quem não conhecesse o espírito eminentemente prático de Martinho, ficaria bastante admirado com o trabalho a que ele se entregava – o de fincar alfinetes, com cabecinhas de vidro vermelho, em determinados pontos da carta. Parecia mais um brinquedo para crianças, entretanto, um trabalho de relevante importância e que me fazia lembrar certa passagem das Memórias de Bourrienne, secretário particular de Napoleão Bonaparte, que, como eu, ficara também muito admirado ao ver o grande curso entregue a tão esquisito mister. Napoleão, naquele momento histórico, distribuía as suas forças ali representadas por inocentes alfinetes e Martinho assinalava os pontos que havíamos percorrido, para ter uma visada em conjunto da nossa situação. A postos nos entregávamos à extravagante operação quando duas pancadinhas discretas soaram na porta.

– Veja quem bate, pediu-me Martinho, sem levantar a cabeça do mapa.

– Bom dia, saudou alegre Marina, irrompendo pelo camarote, linda como nunca, no seu vestido de linho branco e chapéu de palhinha fina preso por um laçarote de veludo preto, tal qual a vira pela primeira vez. Os senhores estão dormindo demais. O sol já está

levantado, disse ela com graça, esboçando um gesto de reprovação.

– Você está sendo injusta, Marina. Nós, sim, fomos despertar o sol dorminhoco. Quase não pregamos olhos, curvados sobre este mapa.

– É verdade, capitão?

– Desta vez é, Marina. E quer saber? Nunca o vi tão trabalhador nesses últimos dias. Estou admirado, comentou com uma pontinha de maldade, interrompendo o trabalho para encher o cachimbo. Marina corou levemente percebendo a malícia e para disfarçar a perturbação aproximou-se da mesa em que trabalhávamos. Desde logo foi atraída para os alfinetes pregados de forma assimétrica sobre a carta geográfica e curiosa indagou:

– Que espécie de trabalho estão fazendo?

– Muito importante, menina, respondeu Martinho de excelente humor naquele dia.

– Pois não parece.

– Assim sucede às grandes obras.

– Então explique-se.

– Não compreendeu ainda?

– Confesso que não.

– Preste atenção. Como deve ter notado, esta é a carta da ilha. Os alfinetes assinalam os lugares por nós percorridos e explorados. Com a ponta do lápis, indicou um ponto na Crista do Galo. Aqui fica o rochedo de onde você deu aquele célebre mergulho. Está lembrada?

– Oh, se estou. Apavora-me a simples recordação.

– Pois bem – prosseguiu Martinho. O último alfinete aqui colocado é o Pico Desejado. Com ele encerramos as nossas investigações em dois terços da ilha. Praticamente o norte e o centro estão fora de cogitações. Resta-nos, apenas, o sul, onde esperamos encontrar o tesouro e, sem dúvida, o famigerado Solitário, com quem temos a ajustar velhas contas.

– Ih, causa-me horror falar nesse homem! Deve ser um monstro de perversidade!

– Seja o que for, não o tememos.

– Tenham cuidado. Lembrem-se que ele é traiçoeiro e senhor do terreno.

– Tem razão, mas não lhe daremos chance para novas surpresas. Interrompendo o diálogo, Marina apontou para uma elevação representada na carta e bem perto da última eminência que havíamos assinalado.

– Que morro é este, capitão?

– É o Pico da Trindade, o rei da ilha, e que se parece com o Corcovado.

– Será aquele que estou vendo, lá longe?

– Aquele mesmo.

– É muito alto!

– Muito. Quase mil metros.

– Deve ser difícil de subir-se.

– Pelo jeito parece. Foi, outrora, um vulcão.

– Verdade?!

– Pergunte ao Dick.

– É verdade, intervim. Há muito que se extinguiu. Provavelmente, muito antes da descoberta da América.

– Corre-se risco indo lá?

– De uma erupção? – perguntei rindo.

– Sim, respondeu-me ela muito séria.

– Não, tolinha. Todos os riscos menos esse.

Um clarão de alegria iluminou-lhe os olhos e pulando de contente acercou-se de Martinho. Tomando-lhe as mãos entre as suas, pediu, ou para melhor dizer, implorou com candura irresistível:

– Leve-me até lá para ver o vulcão. Prometo ser boazinha.

– Ver que cousa? Uma cratera?

– Sim.

– E o velho consentirá que você volte à ilha?

– Consentirá. Ele sabe que eu não sou medrosa.

– E se não consentir?

– Direi que sou filha dele e por isso fico em casa com medo. Será o bastante para mandar-me correndo.

Muito nos rimos do astucioso expediente e na sua ingenuidade Marina traçara o perfil moral do velho lobo do mar. Estávamos rindo ainda, quando ele chegou com o braço na tipoia.

– Gosto de ver esta alegria. De que se riem?

– Pergunte a sua filha, respondeu Martinho, apontando para Marina, que olhava pela escotilha de bombordo.

– Não sei a quem saiu esse diabrete, disse ele, soltando espessa baforada de fumo. Que estava você contando, Marina?

– Nada de engraçado, papai. O capitão perguntou-me se eu era valente e respondi-lhe que era como o meu pai.

O velho sorriu lisonjeado e olhou-me sobranceiro.

– E o senhor não é valente mesmo, papai?

O mestre fitou-a admirado.

– Que dúvida, minha filha!

– Ora, intrometeu-se Martinho, o senhor não está compreendendo. Ela quer desembarcar conosco e como filha de peixe é peixinho...

– Ah, marota. Que pretende fazer em terra?

– Ir ao vulcão.

– Ao vulcão?! E quem é que vai lá?

– Eu!

– Você sabe o que está dizendo? Não há de ser uma mulher a pisar onde bem poucos homens pisaram!

– Pois hei de mostrar do que sou capaz! – retrucou a jovem, convicta.

– Não me parece tão difícil a ascensão, comentei.

– As aparências enganam. Há vinte anos, lá estive com os tripulantes do brigue *Nacional*. Éramos quinze homens e só três conseguiram vencer a montanha. Um deles fui eu! – arrematou com orgulho, batendo no peito com o punho fechado. Dizem os que frequentam estes mares que aquela montanha vive sob o peso de uma maldição! E quero crer. Um dos meus companheiros, o Jorge, rapaz valente e destemido, lá ficou, para sempre, tragado por aquela boca negra que ameaça os céus.

– Está aí, agora quem ficou com vontade de lá ir fui eu, disse Martinho. Que acha você, Dick?

– Ótima ideia, respondi prontamente, ralado como estava para entrar em contato com aquele bicho-papão.

– Eu também vou! – gritou Marina, sem dar tempo ao velho para qualquer decisão.

– Os senhores querem mesmo arriscar? – perguntou-nos o mestre meio incrédulo.

– Um risco a mais não faz diferença, chacoteou Martinho.

– E Marina? – perguntei.

– Os senhores responderão por ela, porque não os poderei acompanhar àquelas alturas no estado em que me encontro.

– Nem consentiríamos, contestei.

O mestre nem pôde responder, porque, saltando-lhe ao pescoço, Marina encheu-lhe de beijos as faces barbudas. Ele, tomando-a ao colo, como se fosse uma criança, paternalmente aconselhou-a:

– Muito juízo, menina. Veja o que aconteceu ao papai. Nunca se afaste do capitão e do doutor Dick. Depois de falar à filha, dirigiu-se a nós dois e particularmente a mim: aos senhores entrego o meu único tesouro. Não posso dizer como senti-me orgulhoso e jurei por tudo que me veio à mente protegê-la, mesmo com a minha própria vida. O mestre tranquilizou-se e saiu. Já estávamos preparados para saltar e ei-lo que surge com dois robustos marinheiros, o Zeno e o Belo. O primeiro era o homem mais forte de bordo e o segundo um antigo arpoador de baleias e homem de confiança do velho Rodrigues, com quem viajava há muitos anos.

– Capitão, disse ele acercando-se de nós. Permita-me pedir-lhe para levar estes homens. São fortes, resolutos e dedicados. Com eles estarão mais tranquilos.

Martinho meneou a cabeça, indeciso. Refletiu melhor e tomando súbita resolução, disse:

– Está bem, e virando-se para os dois homens: carreguem as cordas, ordenou, indicando as que estavam enroladas no convés.

Mudos e taciturnos eles trataram de cumprir as ordens e quando se retiraram, falou Martinho ao mestre:

– Não me parecem satisfeitos com a comissão. Creio que estão prevenidos. Com certeza, efeito das histórias do Zé Palavra. Agora com a nossa ausência acho conveniente não perder de vista a ilha e esteja alerta a qualquer movimento suspeito. O Solitário é muito capaz de fazer-nos uma surpresa mesmo a bordo. Destaque dois homens embalados para este convés e olho alerta. Qualquer coisa fora do programa já sabe...

– Pode ir descansado, capitão. Cumprirei à risca e gostaria de tê-lo sob a minha pontaria. Poupar-me-ia o trabalho de pendurá-lo na verga do mastro grande, que afinal não tem culpa daquele patife.

– Irei descansado, mestre.

Já no escaler, dei-lhe adeus com a mão e para não perder o hábito, motejei:

– Deixe estar, mestre Rodrigues, que falarei com o Solitário. Mas ouça um conselho – tome cuidado com o outro ombro.

– Você que tome cuidado para que ele não o afogue como a um rato! – explodiu o mestre, irado, ameaçando-me com o punho fechado.

– Deixe o meu pai em paz, ralhou Marina, batendo-me com o cabo de um caniço de pesca.

– Você ainda há de arrepender-se dessas brincadeiras, sentenciou Martinho, olhando de esguelha para Marina. Quando tiver de fazer-lhe um certo pedido...

– Que quer dizer com isto, capitão? – perguntou ela, fingindo-se desen-tendida.

– Não lhe posso dizer, respondeu prontamente Martinho com o ar mais cômico deste mundo. É um segredo entre nós dois e o respeitável público.

A própria Marina não pôde furtar-se ao riso e fingindo-se zangada deu-lhe uma palmada nas costas.

Uma vez em terra, seguimos por novos caminhos, fugindo aos que tão bem serviam às emboscadas do Solitário. Zeno foi o primeiro

a saltar levando as cordas enrodilhadas sobre o ombro. Marina seguia no centro do grupo, ladeada por mim e Martinho, guardando Belo a retaguarda. Desprezando a rota costumeira, nos dirigimos de sul para norte, marginando as montanhas vizinhas do mar. Graças aos bons fados, ou à severa vigilância que exercemos, chegamos ao sopé do Pico da Trindade, sem maiores percalços. Sinceramente, confesso que tive um estremeamento de medo ao defrontar-me com a formidável massa da montanha que surgia agressiva e soturna. Lembrei-me, então, das palavras do mestre. Notei que nos meus companheiros não fora melhor a impressão. Martinho olhou-me de um modo que deixava transparecer claramente o receio que o dominava.

– Como se sente, Marina? – perguntei-lhe.

– Bem, respondeu-me ela, procurando disfarçar o seu verdadeiro estado d'alma e aparentar despreocupação.

– Que lhe parece a escalada?

– Um pouquinho difícil.

– Um pouquinho!? – interrompeu-a Martinho, preparando as cordas. Agora é que vamos ver até onde seu pai tem razão.

– Papai é muito exagerado. A cousa não há de ser tão feia como ele pintou.

– Veremos. Tenha confiança em nós e tudo correrá bem.

– Saberei portar-me como uma verdadeira alpinista.

– Tanto melhor. Permita-me agora – e rápido cingiu-lhe a cintura com a corda mais fina. Por precaução todos nós ficamos ligados à mesma corda como fazem os alpinistas, diminuindo destarte os perigos das tonteiras e dos escorregões muito comuns nos que empreendem pela primeira vez escaladas de certo vulto.

Depois de vencermos aspérrimos caminhos, chegamos à montanha. Até um terço da sua altura a subida não apresentou grandes dificuldades, porém, não tardou a vegetação rarear e os pendores se tornarem mais acentuados e trabalhosos. À medida que progredíamos na garganta do monte, as grandes árvores iam desaparecendo para dar lugar ao líquen viscoso e ao gravatá incômodo. As cordas mostraram para que serviam, quando tivemos de atravessar uma pa-

rede lisa e fortemente inclinada, com Marina ameaçada de vertigens e completamente esgotada.

Em plena montanha, bipartindo-se, a rocha forma monumental garganta digna de ser vista. Quero crer que uma erupção vulcânica, acompanhada de violentas comoções, subvertendo, outrora, a base da montanha a tenha originado. A cratera principal vomitara abundante torrente de lavas vitrificadas que, seguindo o seu curso normal para a costa, deixou após si um rasto de mais de meia légua e a desordem desse sítio selvagem é ainda aumentada por enormes rochedos que parecem ter-se destacado das alturas vizinhas.

Ao sairmos da garganta, esbarramos com a parede vertical, lisa e polida como a face de um espelho, que forma o verdadeiro cone da montanha, onde os gravatás e as parasitas medravam, desafiando a coragem dos homens. Em redor da cratera, lá no alto, estendia-se vasta zona de vegetação tal qual a que havíamos deixado na base da montanha. Era aquela mesma vegetação verde e viçosa que costumávamos a contemplar de bordo com o poderoso auxílio das lunetas. Não descobríamos um ponto vulnerável no paredão perfeitamente inacessível. Um único lugar nos parecia praticável e ficava pela face meridional onde a rocha em arestas vivas apresentava uma espécie de chaminé que se abria até ao cume. Mas chegar lá era por si só arriscadíssimo. O sítio em que estávamos ficava cerca de cem metros da cumeada. Podíamos com um olhar envolver o conjunto orográfico que forma o maciço da ilha e nenhuma descrição seria bastante forte para dar justa ideia de sua grandeza. Fizemos alto, indecisos. Belo ofereceu-se para tentar o impossível. Atentos e prontos nos seguramos às saliências da rocha enquanto o bravo, colado com a parede, deslisava como uma serpente segurando-se às mais leves protuberâncias. Com a respiração suspensa, assistíamos àquele desafio à morte.

A vereda que finaliza a perigosa garganta, e que conduz à chaminé, é das mais ásperas e escabrosas. A contraencosta, a pique, rasga-se em profundas ravinas de centenas de metros. Não sabíamos como vencer o obstáculo e só depois que o Belo, demonstrando soberba coragem e sangue frio, chegou à aresta, respiramos aliviados.

– Atenção! – gritou-nos ele. Joguem a corda.

Zeno apressou-se em cumprir a ordem e não tardamos ver o valente marinheiro amarrar solidamente o cabo numa das arestas da chaminé e gritar para que fizéssemos o mesmo do nosso lado. prontamente Martinho e Zeno amarraram a outra ponta da corda num cabeço de pedra, retesando-a à altura dos nossos peitos, formando um corrimão com o qual poderíamos vencer a difícil passagem.

Alcançamos finalmente a aresta em que se encontrava Belo. Verificamos não se tratar, como supúnhamos, de uma chaminé e o que assim julgamos não passava de uma simples fenda na rocha, meio obstruída por grossos matacões e altas touceiras de capim amarelado e áspero. A aresta apresentava-se larga, mas bastante acidentada e íngreme, requerendo para vencê-la boa dose de coragem e energia. Marina estava pálida e, quando queria olhar para baixo, eu a obrigava a desviar o olhar. A vida parecia ter emigrado daquelas paragens, onde tudo cheirava a desolação e morte. Nem as aves buscavam por ali refúgio. Parece incrível que para vencermos uma centena de metros fôssemos obrigados a gastar duas horas! E que duas horas! Exaustos de fadiga pisamos triunfantes o indomável cume. De forma arredondada, ele se nos apresenta em duas partes distintas: a sul, coberta por blocos avermelhados e dispostos caoticamente, conserva ainda os vestígios das passadas épocas; a norte, oculta por espesso e frondoso arvoredado. Caracterizam-se as proximidades da cratera pela desordem do solo. As precauções nunca são muitas para quem tiver a desventura de caminhar através de fendas e empecilhos de toda sorte como nós tivemos. O rebordo do imenso cone elíptico destacava-se de encontro ao fundo azul turquesa do céu, com surpreendente efeito. Ao nosso lado caía vertiginosa e íngreme a encosta do grande cone, abrindo abismos que não ousávamos devassar, e as outras cumeadas vizinhas pareciam aos nossos olhos insignificantes ondulações no cenário agitado. Lá ao longe, co-mo minúsculo pontinho sobre o mar, o *Albatroz*. Hesitantes arriscamos por en-tre os ásperos rochedos um olhar para dentro do espantoso abismo. Nas paredes calcinadas e polidas, auréolas vermelhas e amarelas testemunhavam

a ação incessante do enxofre. Sob os nossos olhos apresentava-se, aparentemente inofensiva, a poderosa máquina da natureza. Destruída ou apenas em repouso? Inclino-me pela segunda hipótese. O Vesúvio também extinto ressuscitou um dia para sepultar Herculano e Pompeia. Por observações que fiz, embora aligeiradas, não duvido que o vulcão da Trindade desperte um dia e novamente a sepulte no seio das águas. Fruto de uma convulsão sísmica da mesma forma será destruída. Calculei em duzentos pés a profundidade da cratera. Aquele cenário forte e brutal causava-me profunda impressão de forma que não me parecia impossível o despertar súbito daquelas energias latentes. O perigo, entretanto, exerce sobre os homens irresistível atração. Martinho, habitualmente refletido e prudente, entendeu de explorar as profundezas da cratera. A empresa desafiava os mais audazes. Deixamos cair para dentro dela o cabo de segurança e verificamos que a profundidade não ia além de sessenta metros. Incontinenti o prendemos numa das saliências do rebordo e nos preparamos para a descida, Martinho fez questão de ser o primeiro. Marina não se quis conformar com o papel de simples espectadora e reclamou energicamente o seu direito. Não tivemos remédio senão acedermos e como a altura fosse respeitável para os seus pulsos tivemos que auxiliá-la com o cabo de segurança. Quando ela pousou no fundo, preparei-me para descer, deixando em cima os dois marinheiros para que nos auxiliassem na subida.

Como sombras fomos deslizando pelo fundo escuro da cratera por entre montões de escórias e obsidianas que sobravam por todas as partes. Certa espécie de musgo atapetava as escarpas até regular altura e, em algumas partes, estendia-se mesmo pelo chão camuflando as pedras e preparando-nos traiçoeiras armadilhas. De uma feita quase fui tragado por uma fenda insidiosamente mascarada pelo maldito, se em tempo não me amparasse o braço vigoroso de Martinho.

– Vamos examinar a chaminé do vulcão, lembrou Marina, procurando orientar-se para os lados em que se divisava a alucinante abertura.

Caminhamos largo espaço por lugares desesperadores. Lava aos montões cercavam-nos por todas as bandas e se estendiam em lençóis rugosos, deixando-nos verdadeiramente desorientados. Contudo, conseguimos romper caminho à força de braços e não exagero dizendo que por mais de uma vez corremos perigo de vida. Por mais prevenido que se esteja não se pode deixar de estremecer ao contemplar o sombrio precipício que parece fender a Terra ao meio. Verdadeiro funil do diabo, como o apelidou Marina. Não sei se foi impressão minha, quando senti subir das profundezas da terra tépido vapor de enxofre. Os meus companheiros nada acusaram e não quero afirmar o que bem pode ter sido mera sugestão do ambiente.

– Daqui nada podemos esperar, falou Martinho, puxando-me para trás. Não havia terminado e um grito desesperador nos veio do alto da cratera. Aterrados volvemos as vistas para cima a tempo de presenciarmos a luta feroz que os nossos homens sustentavam com um desconhecido.

– O Solitário! – gritamos os três.

O demônio mais uma vez nos surpreendera e com Belo e Zeno, empenhava-se em luta encarniçada e titânica.

– Depressa, Dick! – bradou Martinho, correndo para alcançar a corda de subida.

Como doido saí no seu encalço, deixando Marina estarecida, no mesmo lugar. Infortunadamente, nada pudemos fazer e mais uma vez fomos vencidos pelo bruto formidável. A sua força assombrosa impôs-se rapidamente, não permitindo que a luta se prolongasse, embora contra dois homens fortes e decididos. Belo atingido por fortíssimo soco, rolou pelo chão e só à Providência deveu não se ter espatifado no fundo da cratera, pois, ao cair borda adentro o fez precisamente por onde se achava a corda. Ligeiro, teve a presença de espírito para agarrar-se e ficar pendurado. Impetuoso o Solitário atirou-se a Zeno, envolvendo-o num mortal amplexo, e ambos cambalearam à beira do abismo para depois rolarem pelo chão fora das nossas vistas. Como trágica visão do Apocalipse vimos ressurgir o Solitário, trazendo suspenso aos ares, empolgado por seus fortíssi-

mos braços, o corpo de Zeno. Tudo foi muito rápido e terrível. Um grito de pavor varou o espaço. Fechei os olhos instintivamente. O corpo do desgraçado impelido para dentro da cratera baqueou surdamente sobre as pedras espadanando sangue para todos os lados e rolando de pedra em pedra mergulhou para sempre na goela hiante do vulcão. Belo deixou-se escorregar para o chão e ficou colado com a parede, temendo novo ataque do monstro. A sua figura sinistra inclinou-se um momento sobre o disco de luz formado pelo boca imensa da cratera, procurando descobrir-nos na penumbra. Não fosse o nosso nervosismo e teria ele pago bem caro a sua imprudência. Martinho já segurava a corda para subir, quando ele nos descobriu e, percebendo a nossa intenção, cortou-a com um só golpe de faca. Enquanto a corda escorregava para dentro da cratera, uma gargalhada feroz encheu ruidosamente o caldeirão infernal em que nos achávamos encurralados como ratos na ratoeira. Dois tiros responderam ao motejo do celerado e, mais uma vez, Martinho não conseguira atingir o alvo. O Solitário desaparecera mas as suas gargalhadas se ouviam ainda ao longe, dando-nos a impressão de que ele descia a montanha, deixando-nos entregues ao negro destino de uma morte lenta e segura.

Encantoados no fundo do fatídico poço nos entreolhamos angustiados. Marina fazia-se de forte para não chorar de desespero. Idiotizado, Belo parecia ter perdido o uso da palavra. Limitava-se a olhar, sem um gesto, um movimento que demonstrasse resolução. Para consolar Marina, falei:

– Não tenha medo. Não ficaremos muito tempo nesta situação. Seu pai, quando desconfiar da nossa demora, mandar-nos-á procurar.

– E quem nos garante que cheguem até aqui? – respondeu Martinho, meneando, incrédulo, a cabeça. Você viu como nos foi difícil. Desse lado nada espero e precisamos também contar com o inimigo vigilante. Ele parece adivinhar os nossos pensamentos. Admiro-me não nos ter aniquilado naquela terrível passagem. Não sei mesmo por que não o fez.

Martinho falava com calma e, na crítica situação em que nos encontrávamos, conservava a soberba confiança em si mesmo, que o caracterizava.

– Andem daí! – exclamou ele. Deixem esse ar de enterro. Não devemos ficar inativos à espera de que nos venham desenterrar deste buraco.

– E de que jeito pretende você sair daqui? – perguntei.

– Veremos. Estas paredes, como suponho, devem ter algum ponto vulnerável. Talvez nos prestem ainda auxílio.

Reunidos, começamos a explorar, palmo a palmo, o paredão. A princípio, nos parecia inexpugnável, deixando-nos entrever apenas o disco azul do firmamento como um símbolo de liberdade a acenar-nos lá do alto. Fomos lentamente mergulhando numa região de sombras e as precauções redobraram para que maiores males não viessem agravar a situação já por si tão precária. O mesmo musgo terrível havia naquela parte da cratera e notei que à sombra ele se tornava mais espesso e mais forte. Com a ponta da faca Belo foi sondando a parede na esperança de encontrar alguma anfractuosidade que lhe desse ensejo de mais uma vez exhibir a pasmosa agilidade de que era dotado. Em dado momento, ele parou indeciso. Pressurosos, o rodeamos.

– Que há? – indagou Martinho.

– Parece-me existir aqui uma fenda, resmungou o marinheiro.

Ofegantes, apertamos o cerco. Metendo as mãos com vontade, o mari-nheiro arrancou grande porção de musgo. Vimos com viva satisfação abrir-se ante os nossos olhos ávidos uma negra cavidade.

– É uma furna, capitão! E antes que Martinho lhe respondesse foi arrancando todo o musgo em redor, deixando descoberta uma abertura capaz de dar passagem a um homem em pé. Resoluto, ele ia entrar, quando Martinho o deteve:

– Alto lá, rapaz! Sabe você o que é isto?!

Belo recuou instintivamente.

– Acenda um fósforo.

Trêmula brilhou a chama e vimos estreita galeria prolongar-se em suave declive.

– Que será? – indagou, receosa, Marina diante daquele medonho corredor.

– Talvez um condutor de lavas, respondeu-lhe Martinho.

– Estaremos salvos se assim for, observei.

– Entremos, ordenou Martinho.

Cada um de nós fez uma tocha com os musgos secos e ao clarão das improvisadas lanternas seguimos pelo misterioso subterrâneo. O terreno descia sensivelmente em condições as piores possíveis. A estreiteza do lugar não permitia grande liberdade de movimentos, o que nos aumentava o receio de um mau encontro. Depois de longa e penosa caminhada, avistamos ao longe a luz do sol que entrava a jorros por enorme fenda da montanha. Era a liberdade, a vida que começava novamente para nós.

Qual não foi a surpresa ao sairmos justamente no sítio em que horas antes havíamos corrido os maiores riscos da ascensão, naquele mesmo lugar em que nos valera a corajosa abnegação de Belo. Lá estava, felizmente, a corda. Havíamos de fato escapado por uma cratera adventícia como previra Martinho e era aquela a mesma fenda que havíamos visto ao subirmos, sem lhe darmos maior importância. O problema mais sério era atravessar Marina. Não era possível deixá-la expor-se sozinha, fiada apenas na sua própria coragem. Na falta do cabo de segurança, recorreremos ao auxílio dos nossos cinturões e assim vencemos mais vez o medonho despenhadeiro.

Capítulo X

O TESOURO

A indignação causada pela morte de Zeno foi indescritível e a muito conseguimos dominar a revolta da equipagem, que de qualquer forma queria baixar à terra para vingar o companheiro. Formou-se um quase motim a bordo, felizmente debelado pela energia de Martinho e pela força moral que sobre aquela gente exercia o mestre Rodrigues.

– Zeno não ficará sem vingança, prometeu-lhes Martinho. Devemos, entretanto, manter uma atitude de reservada prudência contra quem se vale da astúcia e da traição. Até hoje ele nos tem vencido pelo imprevisto dos seus covardes ataques, porém, amanhã iremos surpreendê-lo em seu próprio covil e não lhe daremos quartel!

A tripulação em peso, formada na proa do *Albatroz*, prorrompeu em vivas à breve alocação do meu amigo. Pudesse o Solitário ouvir o eco daquelas vozes por certo tremeria de pavor.

Aquele pequeno discurso tivera o dom de acalmar as iras da tripulação, porém, comprometera seriamente a finalidade da expedição. Quando os homens se dispersaram, nos reunimos os quatro no convés, eu, Marina, Martinho e o mestre.

– Que pensa da situação? – perguntou Martinho ao velho Rodrigues.

– Delicada. Não podemos ocultá-la por mais tempo, senão teremos a revolta. O murmúrio dos descontentes começa a se fazer ouvir na surdina.

– Eu também tenho notado, mestre. Tudo estaria arranjado, se não fosse a morte de Zeno. O Solitário quer a guerra, pois a terá implacável e sem perdão. Para mim, um tesouro nada representa diante da vida de um homem.

– Assim pensamos, externei. Marina e o mestre assentiram com ligeira inclinação de cabeça.

– Espero que não me privem do prazer da caçada, prosseguiu o mestre. Quero estar presente para estrangular com estas mãos o miserável!

– Sinto não me ser possível aceder aos seus justo desejo – respondeu, imperturbável, Martinho com um leve sorriso nos lábios. Alguém deve ficar a bordo tomando conta do navio, que não poderá ficar abandonado. Quem sabe se tal jogo não faz parte dos planos do Solitário? Não quererá ele nos atrair à terra a fim de tomar conta do nosso barco?

– Um só homem?!

– Quem nos diz?

– É o que temos visto.

– Admitamos, mas saiba que um homem desesperado é capaz de tudo. Uma vez a bordo era só cortar as amarras e do resto se encarregariam as correntes marítimas. O pano do velacho seria bastante para levá-lo com vento a feição às costas do Brasil. Nunca esquecendo que o homem é um marinheiro – e de que espécie!

– Não é bom facilitar. O homem é audaz, intervim.

– Você, meu caro mestre, vai ter paciência, voltou Martinho. Sob as suas ordens aqui ficarão três homens e, se ele tiver a infeliz ideia de aparecer, já sabe como tratá-lo.

– Ah, quanto eu daria por uma visitinha dele!

– Nem falar é bom, papai, interrompeu-o Marina, assustada só em pensar que ele pudesse se defrontar com aquele hercúleo êmulo do homem das cavernas.

– Por que, minha filha? – perguntou o velho, meio irritado, percebendo o pensamento da jovem. Não será porventura capaz de estrangulá-lo quem já derrubou touros bravios e levantou âncoras de dez arrobas?!

– Isso foi nos seus tempos de moço. O senhor não pode imaginar o gigante que ele é. A sua força chega a ser incrível. Pergunte ao doutor a pedra que ele levantou para esmagar-nos e com que facilidade ergueu aquele peso que requeria a força de quatro homens! Pergunte ao capitão como foi que ele dominou Zeno e o atirou pelos ares como se fora um simples graveto! E Belo está aí para dizer do poder do seu soco.

– Tolices, menina! Imaginação e nada mais. Desgraçado dele, se eu conseguir deitar-lhe a mão!

– Está tudo muito bem, interrompeu-o Martinho, mas vá tomando as providências necessárias para amanhã. Mande preparar as armas, pois quero revirar a ilha de pernas para o ar até encontrar o Solitário, vivo ou morto!

– Gosto de um homem assim! Isto que é falar, meu capitão. Toque nestes ossos, e estendeu com entusiasmo a grossa mão calosa, que Martinho apertou com calor.

Já aos primeiros albores do dia, grande era a azáfama a bordo. Homens armados até os dentes corriam de um lado para o outro cumprindo as ordens do comando. Martinho enfileirou-os no tombadilho e escolheu os que deviam ficar sob as ordens do mestre Rodrigues, dividindo os restantes em três grupos. O primeiro, composto por oito homens, seguiria em dois escaleres para a Ponta do Galo, tendo por chefe o Zé Palavra. A esse grupo cumpria dar uma batida em regra até ao Pico de São Bonifácio. O segundo, chefiado por Belo, tomaria o encargo de expurgar o centro da ilha desde o Pico da Trindade ao Branco, terminando na Praia do Andrada. A parte sul ficaria a cargo do próprio Martinho, que iria comigo, Marina e um marinheiro.

Sob hurras vibrantes, largamos do costado do *Albatroz*. Zé Palavra com os seus homens rumou para o norte e o nosso, juntamente com o do Belo, para a Enseada do Príncipe.

Rodeando o Pão de Açúcar, galgamos resolutos o Morro do Paredão. O Paredão difere dos demais por ser acachapado, formando a cumeada vasto chapadão de meio quilômetro. As encostas fendidas em profundos grotões são formadas de pedra porosa, pouco consistente, e em alguns pontos de pura greda. A vegetação rara e paupérrima manifestava-se em espaçados tufo de capim amarelado e áspero. O chapadão deserto faiscava incomodamente aos raios solares. Abandonara-o a vida. Tudo ali aparentava morte. Na extremidade norte, dando para as bandas do Pão de Açúcar, destacavam-se dois rochedos de forma cônica, tal qual duas sentinelas a vigiarem os Baixios de Sueste. Atravessamos a chapada em diagonal e do outro lado da montanha vimos que esta se revestia de espessa camada de terra vermelha. A descoberta encheu-nos de alegria, principalmente a Martinho. Um ruído surdo, rolante, nos vinha do sul e parecia ter causa no mar. A Ponta do Paredão é um rochedo a pique formando pavoroso abismo. Até à sua extremidade nos arrastou Martinho. As vagas furiosas quebravam-se imponentes de encontro ao promontório e ao mesmo tempo davam a impressão de que se prolongavam por debaixo dos nossos pés como se estivessem minando a montanha. As costas da Bretanha com a sua fúnebre Ponta do Raz e o pavoroso Inferno de Plogoff, não serão por certo mais sinistras. Pouco abaixo, vi com assombro rasgar-se imensa e alucinante a boca de um túnel e era por ali que se engolfava o mar com fúria espantosa. Compreendi então a causa do estranho ruído que tanto me instigava. Fascinado eu não despregava os olhos do lúgubre sorvedouro, paraíso talvez das mais temíveis espécies da fauna marinha. A muito custo conseguiu Martinho afastar-me dali.

Caminhávamos lado a lado. Ele sondando o terreno olhava constantemente para o alto da chapada, murmurando, de quando em quando, palavras ininteligíveis. Ao penetrarmos na parte SE da ponta, onde o solo menos pedregoso começa a apresentar novas camadas de terra vermelha, deu ele mostras de mais viva excitação. Muito atento se pôs a olhar para o rebordo da chapada. A encosta não nos permitia a visão para o interior da ilha, nem mesmo dos seus

mais altos picos e, em semicírculo, terminava na Ponta da Tartaruga, apertando-nos contra o mar. No rebordo liso, avistamos apenas os dois rochedos. Seguíamos pelo meio da encosta quando Martinho estacou de repente e agarrando-me o braço apontou alvoroçado para os dois rochedos. Na pequena intersecção dos mesmos, surgia inexplicavelmente o cabeço do Pão de Açúcar! A descoberta teve o dom de soltar a língua do meu amigo. Destacou imediatamente o marinheiro para o alto da chapada para vigiar quem subisse o morro. Dito e feito. Pouco depois, lá estava o marujo postado de carabina em punho na base do rochedo. Só então Martinho prosseguiu:

– Realizam-se as minhas previsões, Dick, e fico admirado como homens inteligentes deram tanto crédito às indicações evidentemente confusas de um moribundo. Pão de Açúcar e terra vermelha serviram-me apenas de ponto de partida e foram também os meus únicos trunfos no início da partida. Baseado nos estudos de La Pérouse e Horsbourg, sobre a Trindade, certifiquei-me do erro dos que aqui nos precederam e formulei a hipótese por todos conhecida. Constatada a natureza geológica do Pão de Açúcar, excluí de início a ideia de que nele residisse o tesouro, considerando-o, entretanto, o pivô da questão e, em torno do seu eixo, desenvolvi as minhas pesquisas e observações. Parece-me que as vejo agora coroadas de êxito. A visibilidade da sua cumeada entre aquelas rochas é extremamente curiosa, possível, talvez, pelo rebaixamento do solo naquele ponto, único em toda esta encosta. Estou convencido que a posição do pico indicará o lugar do tesouro.

A confiança que eu depositava em Martinho crescera em dobro. A meu ver, a sua tese estava perfeitamente defendida. O local fora engenhosamente escolhido, pois quem quisesse chegar à praia dos Baixios do Sueste, teria que seguir forçosamente por aquele caminho. Até chegar ao ponto em que o pico do Pão de Açúcar emerge por entre os rochedos, é a encosta bastante apertada e justamente ali se alarga e vai em declive suave findar junto ao mar. A disposição do terreno ainda mais alegrou a Martinho. Do meio da encosta para a praia, erguia-se solitário rochedo, quase quadrado e de pouca altura.

Martinho, por alguns momentos, ficou embaraçado com a solução do problema. De repente, pôs-se a subir a encosta, mas retornou logo ao ponto de partida demonstrando certo enfado. Acenando-nos com a mão, começou a descer devagarinho e, à medida que descia, olhava para o pico que nos ficara atrás e que se ia sumindo até desaparecer de todo por entre as rochas do planalto. Tão atentos estávamos às manobras de Martinho, que nem pressentimos a nossa frente tomada pelo rochedo solitário. Para o meu amigo residia naquele rochedo de aparência simples a chave do segredo da ilha. Rodeamo-lo até à face fronteira ao mar e a não ser discreta abertura na sua base, rente ao solo, nada mais notamos digno de atenção. Mirrada trepadeira tentava galgar-lhe o dorso de granito furtando-se aos ardores do solo abrasado. Em vão procuramos sinais, marcas que nos pudessem orientar. Batemo-lo em vários pontos e tudo resultou inútil. Quase desapontados íamos partir, quando prestei atenção à cavidade que se abria ao pé do mesmo. Notei que algumas pedras pequenas a obstuíam em parte e que traindo o seu aparente abandono para ela se dirigia largo e batido rasto como se ali se abrigasse um animal de grande porte. Chamei para ele a atenção dos meus companheiros e Martinho muito interessado ajoelhou-se para examiná-lo melhor. Curioso afastou as pedras que pareciam postas de propósito e que surpresa ao descobrimos por baixo das pedras o mesmo solo batido e duro. Compreendemos de relance a sua origem. Estávamos diante do verdadeiro covil do Solitário, a hiena da ilha!

Batia-me o coração com tanta força que parecia querer saltar-me do peito. O momento era dramático e sem dúvida alguma terminaria por uma ação violenta, de consequências imprevisas. Martinho sacou o revólver e eu o imitei. Estaria o monstro na toca? Não sem relutância de Martinho e Marina, fui o primeiro a entrar. Com a cabeça enterrada entre os ombros, num instinto imperioso de defesa, arrisquei um olhar no interior do tenebroso antro imerso em trevas. Longínquo e surdo rumor como o do mar nas tempestades enchia a caverna impregnada de maresia. De quando em quando, fortes lufadas de vento fustigavam-me o rosto. Acostumando-me às trevas, fui

distinguindo vagamente os contornos interiores. Temendo chocar-me com o teto, fui-me cautelosamente levantando até ficar de pé. Martinho entrou logo atrás, seguido de Marina. Fazendo funcionar a sua lanterna, o que vimos encheu-nos de assombro. A gruta, espaçosa e alta, era atapetada por finíssima areia que nos abafava os passos. À direita, vislumbramos uma espécie de cama, tosca imitação feita evidentemente com pedaços de madeira do navio naufragado, tendo por colchão um monte de ervas secas coberto por farrapos de pano alcatroado, que deviam ter pertencido outrora às velas do navio do Solitário; ao fundo, via-se uma pequena mesa repleta de objetos diversos e um fogão de barro, espécie de lareira que fornecia luz nas vigílias do Solitário e o necessário calor nas longas noites inverniais. O covil estava vazio mas nem por isso o perigo era menor. Éramos três contra um, mas esse um lutava em sua própria casa e talvez já nos tivesse pressentido. Com os revólveres engatilhados, examinamos rapidamente o recinto. Sobre a mesa um prato de estanho com restos de comida. Um binóculo com uma das lentes partida, uma bússola, cartas marítimas, compassos e um velho revólver Lefauchaux com uma cápsula deflagrada.

– Com vistas ao mestre, exclamou Martinho enfiando a arma no bolso.

Falávamos baixinho devido à acústica da caverna, que nos denunciaria ao seu temível morador, se dentro dela estivesse. Soltei abafada exclamação de surpresa ao ver na parede, pintada com tinta preta, uma caveira sobre dois ossos e uma seta indicando a direção do fundo. Marina, embora animosa, não pôde esconder a desagradável impressão recebida. Martinho encheu-se de júbilo ao descobrir o famoso emblema dos piratas e apressou o passo no rumo indicado, indo esbarrar com uma segunda e negra abertura no fundo da caverna. Dali provinha o vento e o surdo rumor que tanto me intrigava. Por precaução Martinho fizera com o quepe um quebraluz para a lanterna de forma que a sua luz incidisse apenas sobre os pontos visados, sem se denunciar. Assim prevenido, introduziu-o na escura passagem. Divisamos o começo de uma estreita trilha

aberta na rocha e que se perdia nas trevas de uma segunda caverna. Presa à rocha, uma corrente servia de corrimão e pelo seio que fazia, até onde a luz alcançava, parecia ser bastante longa. De mansinho fomos por ela deslizando. Não demorou muito e Martinho estacou. Tínhamos chegado à extremidade. O meu amigo procurou sondar as trevas que nos envolviam e aos nossos pés qualquer coisa brilhou na beirada do rebordo. Movidos pelo mesmo impulso nos curvamos os três sobre a coisa que nos prendia a atenção. Era um degrau de ferro encastado na rocha e bastante polido pelo uso. Procuramos sondar o abismo. Logo abaixo, a escada sumia-se em profundezas desconhecidas. A nossa decisão estava tomada e, como das vezes anteriores, colocamos Marina entre nós dois e descemos os degraus misteriosos. Não queríamos dar tempo ao inimigo. Contei trinta e seis degraus até pôr o pé no fundo da caverna. A sua altura e largura nunca pude avaliar. O mar atroava dentro dela, ensurdecedor. Não podia mais alimentar dúvidas quanto à natureza do ruído que tanto me intrigara. Assaltou-me um pensamento terrível, porém, calei-me. Por prudência, dei a mão a Marina para não nos perdermos dentro das trevas alucinantes. Caminhávamos há alguns minutos quando senti forte tenaz fechar-me na barriga da perna. A dor foi tão atroz que sem querer soltei um berro louco. Felizmente, o grito perdeu-se abafado pelo ruído reinante. Martinho voltou-se sobressaltado, deparando com enorme caranguejo, de cor amarela, aferrado à minha perna. Com forte pontapé livrou-me do importuno, que me deixou sangrando o lugar da presa. Poucos minutos mais e vago clarão começou a desenhar-se ao longe e pouco e pouco foi aumentando até delinear-se a boca de monumental arcada de pedra.

– O Túnel! – gritei estupefato.

Confirmaram-se as minhas suspeitas. Com os olhos do assombro contemplei o espetáculo maravilhoso dado a poucos mortais. O Túnel! O pavoroso báratro que rasga o seio granítico da ilha! O pórtico monumental teria dez metros de alto por quinze de largo, mas, mesmo assim, ao engolfar-se por ele, o macaréu vedava a luz exterior. O corredor do túnel seguia rumo de NE a SO e daquele lado divisei

pequena baía sofrivelmente abrigada por onde passavam em turbilhão as águas mugidoras. À direita, o rebordo do túnel elevava-se do fundo da caverna, formando uma espécie de calçada sobre as águas e para galgá-lo fazia-se mister subir a um montículo de pedras ali agrupadas. Ao pousar a mão em uma delas, Marina retirou-a bruscamente com terror. Pensando em outro atrevido caranguejo avancei pronto para esmigalhá-lo. Martinho também acudiu e ela nos mostrou mais um emblema dos pirata – a clássica caveira repousando sobre duas tíbias cruzadas – porém, desta vez, a seta estava colocada sobre o crânio e indicava a parte superior do rebordo. Poucas pessoas podem gabar-se de possuir coragem como eu, mas para ser verdadeiro, devo dizer que me sentia pouco à vontade dentro daquela caverna, verdadeira antecâmara do Inferno. Eu tinha impressão que das trevas convergiam sobre nós centenas de olhos cruéis, e bendizia a sombra que nos acolhia, imaginando o horror do cenário que nos estava vedado. Martinho, que perscrutava com o binóculo o corredor do túnel para as bandas da pequena bacia, foi presa de súbita agitação. Inquieto, olhei na mesma direção e nada descobri além dos pequenos cachopos amontoados às suas margens. Como eu o interrogasse, limitou-se a passar-me o binóculo. Assetei-o sobre os cachopos e ia devolvê-lo sem ter visto nada de notável, quando, por acaso, divisei por entre as pedras a popa de um barco. Estaria nele o nosso mortal inimigo?

– Que é? – perguntou Marina, adivinhando com o fino instinto de mulher a tempestade próxima.

– Acabamos de descobrir uma embarcação entre aquelas pedras. Veja, e passei-lhe o binóculo.

– Deve ser uma chalupa, observou Martinho.

– Irá ele escapar-nos agora? – exclamei contrariado.

– Melhor que ele se vá, murmurou Marina cheia de medo.

– É o que ele quer, proferiu Martinho, mas isto nunca! Ontem ainda poderia ter-se retirado sem que o molestássemos, mas hoje não. Ele é o assassino de um dos nossos!

– E é nosso dever puni-lo – confirmei.

– Para onde se dirigirá ele? – indagou Marina.

– Quase que certo para a costa brasileira. É a terra mais próxima.

Marina pareceu conformada e calou-se, no entanto, eu percebia que a ideia de uma luta a enchia de receios. Era nosso intento chegar até onde se encontrava a misteriosa embarcação, mas para isso teríamos de galgar o rebordo que ficava por cima das nossas cabeças. Escorregadias e limosas eram as pedras que lhe davam acesso, demonstrando ficarem submersas nas grandes marés, assim como o fundo da caverna. Lembro-me de ter algumas vezes mergulhado os pés, até os tornozelos, em grandes poças d'água ao atravessá-la. Fazendo mil acrobacias, escorregando aqui, firmando-nos acolá, fomos vencendo os obstáculos para a conquista do rebordo. Martinho, que estava mais acima de nós, recuou com tanta precipitação que pouco faltou para nos pôr abaixo. Agarrei-me como pude e o mesmo fez Marina.

– O Solitário! – exclamou ele.

Esta exclamação ressoou nos meus ouvidos como um dobre de finados. Marina agarrou-se comigo. Senti momentaneamente a sensação do vácuo e aniquilada a minha vontade. O torvo e sinistro Solitário, criação maléfica de Satã, inspirava-me invencível repugnância e eu lhe tinha ao mesmo tempo ódio e pavor. Reagindo prontamente contra a minha fraqueza, afastei Marina para o lado e de um salto alcancei o rebordo, de revólver em punho. Curvado sobre negra fenda rasgada na parede do túnel, vi o Solitário à luz vermelha de sua própria lanterna. Não me empolgasse Martinho com a sua mão de ferro e eu teria ali mesmo liquidado o repelente indivíduo. O ambiente, por si mesmo medonho, sob os raios vermelhos da lanterna do Solitário, tinha algo de infernal. Com o hercúleo e nodoso busto mergulhado nas sombras da caverna, o sinistro homem da ilha esforçava-se por arrastar qualquer coisa extraordinariamente pesada. Descobrimos em breve ser uma grande arca de ferro. Mais um esforço e ela tombava no pavimento de pedra arrancando do seu interior sons argentinos. Empolgados pela estranha cena, contínhamos a respiração. Na penumbra, os olhos de Martinho despediam chispas.

Dir-se-ia um tigre preste a saltar sobre a presa. O Solitário arrastou o pesado fardo para a beira do rebordo e empunhando enorme pedra vibrou repetidos golpes sobre o grosso ferrolho, fazendo-o saltar. Escancarada a tampa da arca, refulgiu ante os nossos olhos atônitos, em todo seu esplendor, o lendário tesouro da Trindade! Jamais olhos humanos viram riquezas mais soberbas! Ouro, prata, moedas, coroa, joias e as mais custosas gemas faiscavam provocadoras aos rubros reflexos da lan-terna do Solitário! Com alegria vizinha da loucura, o Solitário mergulhava as mãos ávidas naquele tesouro das “Mil e Uma Noites” e não satisfeito mergulhava também o rosto, enchendo a barba hirsuta e a boca brutal de cintilações magníficas; e, às mancheias, derramava sobre a cabeça as louras moedas para depois, em cabriolas desordenadas, rolar pelo chão presa de fúria. Era grotesca e terrível a sua alegria. Enlouquecia-o o demônio da cobiça. De que seria capaz lia-se na bestialidade das suas feições, quando mais calmo contemplou as suas riquezas. Compreendemos quão terrível era aquele homem. Embora atroz o nosso despeito, não pensamos um só momento em suplantá-lo por um golpe de força. Queríamos, sim, prendê-lo, entregá-lo à Justiça para que respondesse pelo crime que praticara, mas sabiamente diz o provérbio: o homem põe e Deus dispõe. Não há que fugir à regra. Ao tentar aproximar-se do homem da ilha, para cumprir a nobre missão a que se impusera, Martinho o fez com tanta infelicidade que pisando em falso numa pedra a fez rolar com fragor até o fundo da caverna. De um salto, ergue-se o Solitário! Estava transfigurado, irreconhecível! Dois olhos desumanamente ferozes coruscavam nas trevas. Anelantes, encolhidos, aguardamos os acontecimentos. Bem perto, ouvíamos a respiração ofegante do seu peito gigantesco e, convulso, apertei a coronha do revólver. Sob os nossos pés rugia o mar no fundo da voragem. A vista penetrante do monstro, afeita às trevas, descobriu-nos facilmente. Arrancando da cinta larga e espontada faca, avançou resoluto e feroz como os búfalos das savanas. De pé no estreito rebordo a figura esbelta e atlética de Martinho tolhia-me a passagem, obrigando-me a assistir passivamente à luta titânica preste a ferir-se. Marina deu mostras, naquele

momento, de surpreendente coragem e verdadeiro ardor combativo. Fez-me lembrar de certo episódio que meu pai contava de um soldado que nas vésperas de batalha era um covarde, mas, ao primeiro contato com o inimigo, transformava-se em verdadeiro demônio. Na falta de armas adequadas, ela procurou afoita uma pedra com a qual se muniu para intervir na luta e foi preciso que eu a segurasse para não sair do lugar em que a coloquei. Espremidos num canto, eu e Marina presenciávamos com os olhos desmesuradamente abertos e sem tomar fôlego o duelo de morte entre os dois titãs. Não me restava dúvida que Martinho seria vencido e esmagado mesmo naquela luta desigual e só esperava vê-lo fraquejar para entrar com o contingente decisivo que eu tinha encerrado no tambor do meu Colt.

A lâmina de aço brilhou fugaz no espaço e, em curta trajetória, abateu-se mortal sobre o meu amigo, que esquivando-se habilmente deixou-a passar e rápido vibrou potente *uppercut* no mento do Solitário, atirando-o de encontro à muralha. Martinho era hábil lutador e, durante a sua longa estadia na América do Norte, praticara com sucesso o boxe, no qual era perito. Antes que o formidável contender se refizesse do golpe, Martinho travara-lhe o pulso, torcendo-o. Selvagem urro escapou-se do peito da fera e a faca tilintou nas pedras. Com o pé, Martinho afastou-a para longe. Aproveitando-se de um descuido do meu amigo, o Solitário safou o pulso com forte repelão e enlaçou-o pela cintura. Ambos rolaram pelo chão, ficando Martinho imprensado contra a arca de ferro e tendo o Solitário sobre o peito. Visivelmente mais forte, este tentava subjugar-lo. O esforço dos dois homens era tamanho que a pesada arca ia cedendo a sua pressão para as bordas do túnel e seria a perdição de Martinho. A arca já oscilava na extremidade do rebordo e embaixo a voragem aguardava a sua presa segura. Entretanto, Martinho tentava em vão libertar-se das garras poderosas do formidável antagonista. Resoluto, entrei na luta, atirando à cabeça do Solitário tremendo golpe com a coronha do revólver. Surpreso e meio tonto com o inopinado ataque, o miserável afrouxou um pouco as mãos, de que se prevaleceu Martinho para aplicar-lhe com os pés tremendo golpe no peito e safar-se. Com

o choque, o Solitário foi cair por cima de um monte de pedras. Na sua ira, ergueu com pasmosa facilidade um dos enormes blocos de granito que apanhou a esmo e com eles, nos ares investiu sobre Martinho. Na iminência do perigo, não trepidei. Fiz fogo sobre a besta humana; errando o alvo. O maldito parecia ter pacto com o demônio ou o corpo fechado para as armas de fogo como na crença ingênua dos nossos sertanejos. A pedra facilmente evitada foi cair no fundo do túnel e os dois adversários empenharam-se novamente em encarniçado corpo a corpo. Hábil e veloz esmurrador, Martinho martelava sem cessar a cara e o estômago do contendor, levando-o para o bordo do precipício. Atingido por violento direto, Martinho retrocedeu cambaleante, recrudescendo o Solitário em furor. Sob forte saraivada de golpes, Martinho recuava cobrindo-se cuidadosamente até que, achando uma brecha na defesa do Solitário, fintou rápido, iludiu-o com a esquerda ao plexo e enviou-lhe potente direita à mandíbula, atirando-o violentamente sobre a arca.

Concretiza-se aqui toda a tragédia da nossa curta aventura. Sob o peso do Solitário a arca vacilou por uns instantes à beira da voragem e caiu, arrastando-o na sua queda. Até hoje ressoa em meus ouvidos o grito de angústia daquele homem ao despenhar-se. É que ele sabia o fim trágico que o aguardava no fundo do tenebroso pélagos. Mal se fecharam sobre a sua cabeça as águas espumantes, sinistro burburinho fez-se ouvir seguido de indescritível clamor. Guinchos estridentes, roncões surdos de monstros em luta, de poderosas caudas espadanando as águas nos deixou estarecidos, colados à parede e no fundo opaco do abismo brilhavam dois olhos sinistramente verdes!

Estava para sempre perdido o famoso tesouro! Para sempre sepultado no pélagos insondável sob a guarda incorruptível dos fantásticos povoadores dos sombrios abismos marinhos.

Foi com verdadeira alegria que tornei à luz do sol, fora do tenebroso antro e fiz votos comigo mesmo de não mais voltar àquelas paragens.

Capítulo XI

REGRESSO

Caía a noite, quando o *Albatroz* começou lentamente a afastar-se da Trindade, e o seu perfil agressivo esbatendo-se nas sombras do crepúsculo dava uma nota lúgubre e aterradora. Ali a deixávamos para sempre, isolada e triste, imersa na grandeza do seu próprio mistério. Ilha infeliz. Míseros rochedos escavados. Desgraçadas praias vergastadas pela fúria inclemente das vagas. Pobres montes que assemelhando a braços ressequidos imploram a clemência divina, enquanto ansiosos perscrutam a imensidão desoladora dos mares à espera do seu dia de redenção. Como os humanos, cumpres também o teu dolorido fadário, o teu negro destino, negro como a tua própria história. Assim como vieste à flor das águas, à luz rútila dos trópicos, voltarás ao tenebroso báratro.

Deixávamos cheios de tristeza aquela solidão espantosa boiando sobre as águas. Marina, a meu lado, também se despedia daquelas desoladas montanhas. Olhei pela última vez o pico altaneiro da Trindade como para gravá-lo eternamente na memória e parecia-me ver crescer, tomar corpo e vulto, no seu alto cume, a figura generosa de Zeno a acenar-nos num tristíssimo adeus de despedida. Insensivelmente, respondi àquele aceno que eu via com os olhos d'alma e baixinho murmurei – Adeus, Zeno! Mas não tão baixinho que o mestre Rodrigues deixasse de ouvir. Vi-o levar o largo lenço de xadrez aos

olhos, mas percebendo que eu notara o seu gesto, assoou com força o nariz, procurando disfarçar o impulso generoso do coração.

Desde o fatal desfecho da aventura do Túnel, Martinho se conservara taciturno, nervoso, minado por profundo desgosto. Nem a manifestação ruidosa que lhe prestou a maruja ao retornar vencedor do seu combate com o invencível Solitário, nem o entusiasmo vibrante do velho Rodrigues, o seu maior admirador, conseguiram fazer com que um sorriso aflorasse aos seus lábios e só dois dias mais tarde vi-o sorrir, quando lhe fui com Marina participar o nosso noivado.

Alguns dias depois do nosso regresso, partiu Martinho para o Rio de Janeiro, para reassumir as suas funções no Ministério da Marinha, porém, antes, obrigou-me a jurar que o acompanharia noutra expedição em busca do tesouro submerso. As peripécias dramáticas desta segunda expedição, levada a efeito dez anos mais tarde, pretendo, como a estas, enfeixar num livro que legarei aos meus filhos, se a minha saúde precária, irremediavelmente comprometida pelo clima inóspito da Trindade, o permitir.

FIM

- 1 - OS DIAS ANTIGOS / RENATO PACHECO
- 2 - INSURREIÇÃO DO QUEIMADO / AFONSO CLÁUDIO
- 3 - LOGRADOUROS ANTIGOS DE VITÓRIA / ELMO ELTON
- 4 - A MULHER NA HISTÓRIA DO ESPÍRITO SANTO / MARIA STELLA DE NOVAES
- 5 - ROMANCEIRO CAPIXABA / GUILHERME SANTOS NEVES
- 6 - A ILHA DE VITÓRIA QUE CONHECI E CONVIVI / DÉLIO GRIJÓ
- 7 - FAFI - ESCOLA, ESCOLA DE ARTE / ADILSON VILAÇA
- 8 - VIAGEM À PROVÍNCIA DO E. SANTO / AUGUSTE F. BIARD
- 9 - VIAGEM AO E. SANTO E RIO DOCE / AUGUSTE SAINT-HILAIRE
- 10 - A VITÓRIA DO MEU TEMPO / AREOBALDO LELLIS HORTA
- 11 - VITÓRIA, CIDADE PORTUÁRIA / FRANCISCO AURELIO RIBEIRO
- 12 - UM POUCO DE TUDO. CRÔNICAS / WALDEMAR MENDES DE ANDRADE
- 13 - PATRULHA DA MADRUGADA / ÁLVARO JOSÉ SILVA
- 14 - O INCALISTRADO. TOPÔNIMOS CAPIXABAS DE ORIGEM TUPI / SAMUEL MACHADO DUARTE
- 15 - NOVA ESCOLA PARA APRENDER A LER, ESCREVER E CONTAR / MANUEL DE ANDRADE DE FIGUEIREDO
- 16 - JARDIM POÉTICO / JOSÉ MARCELINO PEREIRA DE VASCONCELLOS
- 17 - POEMA MARIANO SOBRE A PENHA DO ESPÍRITO SANTO / DOMINGOS CALDAS
- 18 - TROVAS E CANTARES CAPIXABAS / AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA
- 19 - A ESCRAVIDÃO E A ABOLIÇÃO NO ESPÍRITO SANTO / MARIA STELLA DE NOVAES
- 20 - DICIONÁRIO DE POETAS CAPIXABAS / THELMA MARIA AZEVEDO
- 21 - INDÚSTRIA - A MODERNIZAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO / GABRIEL BITTENCOURT
- 22 - AS MARAVILHAS DA PENHA / JOAQUIM JOSÉ GOMES DA SILVA NETO
- 23 - VELHOS TEMPLOS E TIPOS POPULARES DE VITÓRIA / ELMO ELTON
- 24 - NEGROS, ÍNDIOS E MESTIÇOS / AFONSO CLÁUDIO DE FREITAS ROSA
- 25 - LENDAS CAPIXABAS / MARIA STELLA DE NOVAES
- 26 - DR. VORONOFF / MENDES FRADIQUE
- 27 - POETAS CAPIXABAS / JOSÉ VICTORINO DE LIMA
- 28 - PATRONOS E ACADÊMICOS / AEL
- 29 - BIOGRAFIA DE UMA ILHA / LUIZ SERAFIM DERENZI
- 30 - HOMENS E COUSAS ESPÍRITO-SANTENSES / AMÂNCIO PEREIRA
- 31 - QUANDO O PENEDO FALAVA / ELPÍDIO PIMENTEL
- 32 - O TESOURO DA ILHA DE TRINDADE / ADELPHO POLI MONJARDIM



PREFEITURA DE
VITÓRIA



ACADEMIA
ESPÍRITO
SANTENSE
DE LETRAS

